

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

JANINE MAGALY ARRUDA TAVARES

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO SOBRE A SAÚDE DO
TRABALHADOR: PERSPECTIVA DO ARTESÃO DO BARRO
DO ALTO DO MOURA, CARUARU/PE.**

RECIFE-PE

2014

JANINE MAGALY ARRUDA TAVARES

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO SOBRE A SAÚDE DO
TRABALHADOR: PERSPECTIVA DO ARTESÃO DO BARRO
DO ALTO DO MOURA, CARUARU/PE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem, com área de concentração em Teoria e Análise da Organização Linguística e seus Distúrbios, e linha de pesquisa em Processos de Organização Linguística. Sob a orientação do Prof. Dr. Moab Duarte Acioli.

RECIFE-PE

2014

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO SOBRE A SAÚDE DO
TRABALHADOR: PERSPECTIVA DO ARTESÃO DO BARRO
DO ALTO DO MOURA, CARUARU/PE.**

AUTOR: JANINE MAGALY ARRUDA TAVARES

ORIENTADOR: DR. MOAB DUARTE ACIOLI

Dissertação submetida à Banca Examinadora do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem, na Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

Banca examinadora:

Prof. Dr. MOAB DUARTE ACIOLI - ORIENTADOR

Prof^a. Dr^a. IDÊ GOMES DANTAS GURGEL – MEMBRO EXTERNO/ FIOCRUZ-
PE/CPqAM

Prof^a. Dr^a. NADIA PEREIRA GONÇALVES DE AZEVEDO – UNICAP

RECIFE-PE

2014

Dedico este trabalho aos meus pais, Vera e Jânio, que sempre me fizeram acreditar na realização dos meus sonhos, além do incentivo de sempre, trabalharam muito para que eu pudesse realizá-los, essa é a herança que vocês já estão deixando, o conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Aos artesãos do barro do Alto do Moura, por terem cedido parte do seu tempo de trabalho para responder as minhas indagações, sempre de forma gentil.

À minha família, pelo amor e dedicação em minha vida, em especial a minha mãe Vera, meu pai Jânio e minhas irmãs pelo carinho e pela torcida para que tudo desse certo.

À Flávio (Flavinho), meu esposo, pela compreensão e paciência durante todo o tempo que o deixei de lado durante a elaboração da dissertação, pelas horas que ficou ocioso a me esperar durante as aulas e orientações, e por muitas vezes por ir ao Recife apenas para me acompanhar durante essa jornada.

Ao meu querido orientador, Prof^o Dr. Moab Acioli, pela paciência, dedicação e interesse nesta pesquisa, por compartilhar comigo seu imenso conhecimento na análise crítica do discurso, e por ter aceitado a proposta de inserção dos estudos da saúde do trabalhador.

À Professora da Pós-graduação *stricto senso* em Ciências da Linguagem, Dra. Nadia Azevedo, pelo carinho e apoio que me foi dado sempre que precisei.

Aos meus colegas do mestrado, pela companhia e pela troca de conhecimento, durante no decorrer desta caminhada.

Aos meus professores, que possibilitaram por meio das disciplinas que ministraram, o acesso a conhecimentos indispensáveis para o desenvolvimento deste estudo.

Aos funcionários, Nélia e Sérgio pelo carinho, dedicação e zelo com a vida acadêmica dos mestrandos.

À Prof^a Dra. Idê Gurgel, pela atenção em disponibilizar materiais bibliográficos que muito enriqueceram este estudo, e pelo comprometimento com a saúde dos trabalhadores.

Aos meus colegas do IFPE Campus Caruaru, pelo apoio e encorajamento durante essa jornada, incentivando-me em momentos fundamentais, em especial à Andréa, Cíntia, Elaine, Flávia, Germano e Ricardo.

O discurso não é apenas o que se traduz as lutas,
mas aquilo por meio de que se luta,
aquilo por que se luta.

Michael Foucault

RESUMO

Pesquisas sobre a relação entre saúde e trabalho apontam para uma determinação socioambiental nas atividades laborativas, responsável pelo perfil sanitário do trabalhador. Existe uma predominância em estudos com dados indiretos e quantitativos. Considerando o modelo tridimensional da Análise Crítica do Discurso, proposto por Fairclough, foram traduzidas em uma linguagem culturalmente adequada a populações leigas e transformadas em perguntas-estímulo em roteiros de entrevista semidiretiva. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo foi realizar uma análise crítica do discurso sobre a relação trabalho e processo saúde-doença, assim como, estudar o processo de aprendizado do artesanato; pesquisar a cadeia produtiva no artesanato do barro; entender as concepções dos artesãos sobre saúde e doença; focar a percepção dos artesãos sobre a relação entre trabalho, ambiente e saúde; discutir a interpretação dos artesãos sobre a relação política municipal e saúde. Em termos de método, foram entrevistados artesãos do barro no Alto do Moura em Caruaru, a partir de uma lógica de amostragem por conveniência e saturação. Na análise, foram enfocados o campo lógico-semântico, os temas, a interdiscursividade e as representações dos eventos. Como conclusão, é relevante desenvolver atividades pedagógicas e políticas, tendo como instrumento de transformação o discurso, em vista do empoderamento destes artesãos, em prol da melhoria das condições de trabalho e de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa Qualitativa. Saúde do Trabalhador. Processo Saúde-doença.

ABSTRACT

Researchers on the relationship between health and work point to an environmental determination on work activities, responsible for the health profile of the worker. There is a predominance in studies with indirect and quantitative data. Considering the three-dimensional model of Critical Discourse Analysis, proposed by Fairclough, were translated in a culturally appropriate language to lay populations and transformed into questions - stimulus scripts semidiretiva interview. In this sense, the objective of this study was to conduct a critical discourse analysis on the relationship between work and health-disease process, as well as explore the process of learning the craft, search the productive chain in the clay craft; understand the concepts of artisans about health and disease, focusing on the perception of artisans on the relationship between work environment and health; discuss the interpretation of the craftsmen on the municipal political relationship and health. In terms of method, the clay artisans in Alto do Moura Caruaru were interviewed using a logic of convenience sampling and saturation. The analysis was focused on the logical - semantic field, topics, interdiscursivity and representations of events. In conclusion, it is important to develop educational and political activities, and as a tool for speech processing in view of empowerment of these artisans, for the improvement of conditions of work and life.

KEY WORDS: Qualitative Research. Occupational Health. Health-Disease Process.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Relações funcionais representadas por matriz de insumo/produto. P. 30

Quadro 2 Perfil sociosanitário dos sujeitos entrevistados. P. 39

Quadro 3 Temas sobre a cadeia produtiva do artesanato do barro. P. 42

Quadro 4 Temas sobre a forma de aprendizado para o trabalho como artesãos do barro no Alto do Moura. P. 57

Quadro 5 Temas sobre o conceito de saúde e de doença entre os artesãos do barro no Alto do Moura. P. 60

Quadro 6 Temas sobre a relação entre experiência de trabalho e saúde. P. 65

Quadro 7 Temas sobre a relação entre ambiente de trabalho e saúde no discurso dos artesãos do barro. P. 71

Quadro 8 Temas sobre a relação entre a articulação intraprofissional e saúde. P. 76

Quadro 9 Temas sobre a relação experiência de trabalho, política municipal e saúde. P. 83

Quadro 10 Temas referentes ao discurso dos artesãos do barro sobre a cadeia produtiva do artesanato. P. 88

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 Modelo tridimensional da Análise Crítica do discurso. P. 24
- Figura 2 Movimentos reprodutivos da reprodução social. P. 30
- Figura 3 Museu do Mestre Vitalino. P. 38
- Figura 4 Barro bruto. P. 43
- Figura 5 Trituradora elétrica. P. 43
- Figura 6 Barro processado. P. 44
- Figura 7 Barro para modelagem. P. 44
- Figura 8 Venda do barro já processado e pronto para modelagem. P. 46
- Figura 9 Modelagem das bonecas de barro. P. 47
- Figura 10 Secagem das bonecas de barro. P. 49
- Figura 11 Forno para queima. P. 49
- Figura 12 Peças de barro secas. P. 52
- Figura 13 Pintura. P. 52
- Figura 14 Loja de artesanato no Alto do Moura. P. 53
- Figura 15 Boneca de barro em loja de Porto de Galinhas/PE. P. 56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABMAM	Associação dos Artesãos em Barro e Moradores do Alto do Moura
ACD	Análise Crítica do Discurso
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CO	Monóxido de Carbono
LOS	Lei Orgânica da Saúde
NR	Norma Regulamentadora
PPM	Partes por milhão
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O PERCURSO DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	17
1.1 Prática social e ideologia	17
1.2 Prática discursiva	21
1.3 Texto: tema, significado das palavras e metáforas	25
2 REPRODUÇÃO SOCIAL NA SAÚDE DO TRABALHADOR	27
3 METODOLOGIA	36
3.1 Campo	36
3.2 Pequena história do artesanato do barro em Caruaru	37
3.3 Perfil dos sujeitos	39
3.4 Instrumentos	40
3.5 Estratégias de pesquisa	40
3.6 Método de análise	40
3.7 Aspectos éticos	41
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	42
4.1 A cadeia produtiva do artesanato do barro	42
4.1.1 Preparo do barro	42
4.1.2 Modelagem	46
4.1.3 Queima	48
4.1.4 Pintura	51
4.1.5 Venda	53
4.2 Discurso sobre capacitação de trabalho no artesanato do barro	57
4.3 Discurso sobre saúde e doença	60
4.4 Discurso dos artesãos do barro sobre a relação entre experiência de trabalho e saúde	65
4.5 Discurso sobre a relação entre ambiente de trabalho e saúde	71
4.6 Discurso sobre articulação intraprofissional e saúde	76
4.7 Discurso sobre a relação experiência de trabalho, política municipal e saúde	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87

REFERÊNCIAS	91
APÊNDICE A - Roteiro para Entrevista	96
ANEXO A - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	97
ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	99

INTRODUÇÃO

Para a Análise Crítica do Discurso (ACD), a ideologia pode ser definida como um conjunto de ideias e de práticas sociais hegemônicas, passíveis de apresentar uma característica negativa ao universalizar os interesses particulares de certos grupos sociais para constituir relações de dominação (RAMALHO; RESENDE, 2011).

Outros autores como Thompson (2002) compreendem que ideologia pode representar um modelo de construção simbólica do mundo social, mas, também, uma concepção ilusória, enganadora e manipulada desta realidade social, o que se encontra relacionado a um contexto de luta e de poder, servindo, portanto, para ocultar e consolidar as relações de dominação. Por sua vez Fairclough (1989) considera a ideologia em seu parâmetro mais concreto, agregada ao que se chama de senso comum, estando vinculada ao cotidiano e, portanto, camuflando as desigualdades das ações de poder.

Autores como Fairclough (2001) em seu livro “Discurso e mudança social”, articula os conceitos de discurso, ideologia e poder, relacionado discurso com a concepção de luta pela busca do controle hegemônico. Nesse sentido, hegemonia estaria relacionada a um processo ideológico e simbólico de construção social da realidade, presente em várias dimensões das práticas discursivas, o que vem a reproduzir as relações de dominação.

Portanto, ACD é um conjunto de abordagens teóricas e científicas, envolvendo vários campos científicos, enfocando a produção, distribuição e consumo do discurso, no contexto da prática social. Trata-se de um estudo do funcionamento discursivo situado na dinâmica da própria sociedade e não apenas à análise de textos isolados (RAMALHO; RESENDE, 2011).

Nesse sentido, trata-se de um paradigma interdisciplinar, que aborda de modo crítico a inter-relação discurso e variadas práticas sociais, convidando a participação de diversos atores e grupos sociais, o que permite abordar nesta, os temas saúde do trabalhador e ACD.

Pode-se entender por trabalho, de acordo com Marx ([1867]1988), as atividades desenvolvidas pelos homens que tem por finalidade produzir bens e serviços. Dessa forma, para a saúde do trabalhador existe uma determinação

socioambiental complexa, haja vista a ocorrência de situações potenciais de risco, sejam elas objetivas ou subjetivas, físicas, psíquicas ou sociais, entre outras, gerando danos à saúde (AUGUSTO, 2009).

No campo da saúde pública, por sua vez, existem pesquisas epidemiológicas quantitativas que procuram estudar, através de modelos unicausais, a causalidade do processo saúde-doença. Ao contrário, existem estudos contextualizando esse processo para uma visão ampliada da sociedade e da sua reprodução coletiva como um todo. Nisso, fazem parte sociedades humanas, nas quais estão distribuídas diversas práticas sociais, entre elas o trabalho, que podem influenciar de modo positivo ou negativo o estado de higidez do cidadão, ou do trabalhador em caso específico.

De acordo com Samaja (1997) e Ynoub e Samaja (1997), esses processos de reprodução social estão consubstanciados em quatro dimensões, a saber:

1ª Práticas reprodutivas biológicas: Reproduzem as estruturas e os processos ao nível das células, dos tecidos orgânicos e biossociais, cujo plano de contexto ou de emergência é a biossociedade (a Natureza sendo moldada na Cultura, através de práticas sociais, podendo envolver problemas de saneamento, de produção industrial, etc.);

2ª Práticas de reprodução da consciência e da conduta: Reproduzem os processos de socialização ou de constituição do psiquismo humano, cujo plano de emergência é a comunidade familiar, redes de parentesco, amigos e vizinhos;

3ª Práticas de reprodução econômico-social: Reproduzem a produção, a distribuição e a troca dos meios de vida, e cujo plano de emergência é a sociedade civil, com sua rede de relações contratuais e organizações secundárias;

4ª Práticas de reprodução ecológico-política: Reproduzem o meio e a relação dinâmica de todo social com as demais sociedades no planeta, e cujo plano de emergência são os Estados municipais até os nacionais e os tratados internacionais.

Em suma, esses conceitos de reprodução biológica, social, cultural, econômica, política e ecológica, são utilizados como categorias de análise em estudos sobre a saúde do trabalhador, conforme elaboraram Gurgel *et al.* (2009) sobre os riscos referentes a uma refinaria de petróleo em Pernambuco, ou mais especificamente, Santos, Carneiro e Augusto (2009) que enfocaram a saúde dos trabalhadores do polo de confecções do Agreste.

Todos esses estudos foram baseados em dados secundários de pesquisas com perfil dedutivo, de base documental e predominantemente quantitativa, não sendo encontrados estudos que contemplassem o discurso dos trabalhadores sobre a relação saúde do trabalhador e problemas na reprodução social.

Além disso, é importante enfatizar que o conceito de saúde-doença é um processo que pode apresentar um viés biológico, em termos de determinantes físicos, químicos e biológicos, mas pode apresentar também, um viés social, político, histórico e cultural, portanto, dialético, que possam contribuir para os níveis de higidez, morbidade e mortalidade de grupos populacionais. Segundo Almeida filho e Rouquayrol (2006, p. 50), o processo saúde-doença é “definido como modo específico pelo qual ocorre, nos grupos sociais, o processo biológico de desgaste e reprodução”.

No caso dos artesãos do barro no Alto do Moura em Caruaru, trata-se de uma atividade realizada dentro de determinada cadeia produtiva, historicamente iniciada desde a obra do ceramista Vitalino Pereira dos Santos, o Mestre Vitalino, nascido em 1909 e falecido em 1963. Retratava no barro figuras e cenas do cotidiano das culturas da Zona da Mata, Agreste e Sertão nordestinos, em peças intituladas “Violeiro”, “O enterro na rede”, “Cavalo-marinho”, “Casal no boi”, “Noivos a cavalo”, “Caçador de onça” e “Família lavrando a terra”. Esta obra foi exposta em Paris (França), Neuchatel (Suíça), Rio de Janeiro, São Paulo, entre outras capitais.

Na presente dissertação, parte-se das seguintes problematizações: Através do discurso desses artesãos é possível construir uma representação da respectiva realidade sócio-sanitária? A produção desse discurso, com seus temas específicos, permite compreender o processo de aprendizado da prática desses artesãos? Existe ou não existe um processo de divisão interna do trabalho e este pode ser analisado através do discurso dos artesãos? Uma análise do discurso permitirá conhecer o conceito de saúde e de doença desses artesãos? A percepção desses artesãos, construída através do respectivo discurso e analisada através de uma Análise Crítica do Discurso, possibilitará um entendimento da relação entre trabalho, ambiente, política municipal e processo saúde-doença?

Em termos do discurso dos atuais artesãos do barro, centrado sobre o processo de trabalho e de reprodução social, são destacados, baseando-se em Ramalho e Resende (2011), três importantes elementos na produção discursiva:

1ª O campo lógico-semântico envolve a construção de determinadas categorias, podendo haver espaço para os recursos das metáforas e das metonímias;

2ª Na interdiscursividade são englobadas as articulações dos discursos entre si, o que permite resgatar elementos lógico-semânticos;

3ª As representações dos eventos podem ser excluídas ou incluídas de modo mais ou menos relevante;

Dessa forma, o presente trabalho tem como objeto o discurso dos artesãos do barro do Alto do Moura em Caruaru sobre a trabalho, saúde e doença na prática profissional. Em termos de objetivo geral, realizar uma análise crítica do discurso sobre a relação trabalho e processo saúde-doença. Em se tratando dos objetivos específicos: estudar o processo de aprendizado do artesanato; pesquisar a cadeia produtiva no artesanato do barro; entender as concepções dos artesãos sobre saúde e doença; focar a percepção dos artesãos sobre a relação entre trabalho, ambiente e saúde; discutir a interpretação dos artesãos sobre a relação política municipal e saúde.

Como pressuposto foi elaborado que o discurso dos artesãos em torno da relação reprodução social e saúde do trabalho, este se encontra marcado por determinados vieses ideológicos que podem expressar ou camuflar uma determinada realidade sócio-sanitária.

A justificativa para esta dissertação se pauta pela possibilidade de que a análise crítica do discurso desses trabalhadores propicie um conhecimento da dinâmica social, envolvendo, principalmente, trabalho e saúde, a partir de uma visão interna do seu cotidiano. Portanto, trata-se de um estudo transdisciplinar, envolvendo Saúde Pública e Ciências da Linguagem, visando contribuir teoricamente em termos de uma linguística aplicada e socialmente, utilizar categorias analíticas e empíricas que contribuam para o desenvolvimento de programas de atenção à saúde do trabalhador, no caso, os artesãos do barro de Caruaru, Pernambuco.

1 O PERCURSO DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Wodak (2004) historia que a Análise Crítica do Discurso (ACD) emergiu no início dos anos 1990, depois de um simpósio na Universidade de Amsterdã, envolvendo linguistas como Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Teo van Leeuwen e Ruth Wodak. Com a formação de uma rede de pesquisa, foi lançada a revista *Discourse and Society* (1990) e vários livros como *Language and Power* de Norman Fairclough (1989), *Language, Power and Ideology* de Ruth Wodak (1989), ou do primeiro livro sobre racismo escrito por Teun van Dijk, *Prejudice in Discourse* (1984).

A proposta metodológica da ACD concerne na realização de pesquisas qualitativas, em que os materiais empíricos são os textos de vários gêneros, envolvendo documentos oficiais, entrevistas, reportagens, publicidade, artigos científicos, entre outros. Torna-se importante ressaltar, segundo Ramalho e Resende (2011), que para o planejamento desta pesquisa são importantes as decisões ontológicas, epistemológicas, metodológica para a geração e a análise de dados. Comumente, durante a pesquisa/investigação, é necessário reorientar o planejamento inicial que possíveis ajustes possam ser realizados (RESENDE, 2008).

Um dos principais representantes desta "escola" é o linguista britânico Norman Fairclough responsável pela elaboração do chamado modelo tridimensional do discurso. De acordo com Fairclough (2001) existe uma articulação dialética entre prática social, prática discursiva e texto.

Ao ser pensada a prática social, existem o conceito fundamental de ideologia, a ser discutido no próximo item.

1.1 Prática social e ideologia

Um dos conceitos de ideologia é elaborado por Fairclough (2001, p. 117) quando escreve o seguinte:

As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas / sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Deste modo, pode ser observada a relevância do conceito de poder para a ACD, haja vista concordar que as relações sociais estão pautadas por processos de dominação. As ideologias — no plural — são construções simbólicas da realidade, envolvendo tanto o mundo da Natureza, como o mundo da Cultura e da Sociedade, tendo a função de reproduzir ou transformar as relações de dominação.

Abordando um sentido negativo, Fairclough (1989) comenta que o senso comum pode contribuir para a reprodução acrítica das relações sociais, auxiliando na manutenção das desigualdades políticas, econômicas e outras, vindo uma análise criteriosa deste senso comum permitir uma "neutralização" da função ideológica do discurso.

Na ACD, existe um foco nas implicações ideológicas dos textos, abordando relações sociais, ações e interações, assim como conhecimentos, crenças, valores, atitudes e identidades. Esta preocupação procura mostrar que além da superfície textual existe uma dinâmica social mais ampla e complexa, responsável por uma distribuição desigual desse poder na sociedade (RAMALHO; RESENDE, 2011).

Portanto, as relações entre linguagem e ideologia são muito próximas, havendo tanto a possibilidade de reprodução automática de uma visão de mundo, sem nenhuma crítica, como uma transformação dessa visão de mundo, o que pode implicar em mudança social. (RESENDE; RAMALHO, 2011).

Desse modo, as relações de proximidade permitem analisar a constituição discursiva da ideologia, conforme Fairclough (2001, p.118) comenta a seguir:

Afirmo que a ideologia investe na linguagem de várias maneiras, em vários que não temos de escolher entre possíveis 'localizações' diferentes da ideologia que parecem todas parcialmente justificadas e nenhuma das quais inteiramente satisfatória.

De acordo com Thompson (1995), existem dois sentidos para o conceito de ideologia. Um negativo, relacionado como uma estratégia de representação falsa e alienada da realidade social e outra positiva, como uma visão de mundo de

determinados grupos sociais, ou seja, um modo de representação particular de mundo, como único e singular.

Portanto, ao se abordar o conceito de representação, está se abordando uma determinada construção simbólica, e sobre isso, continuando com a leitura de Thompson (1995), o autor descreve cinco modos de operação da ideologia.

Essas operações são pensadas como estratégias simbólicas, necessariamente não sendo as únicas e que podem se articular entre si. Importante frisar que essas estratégias não são intrinsecamente ideológicas, porém dependem do uso e do entendimento em contextos específicos e particulares. Em outras palavras, este uso pode estar voltado para reproduzir ou para minar relações de dominação. Importante comentar que essas estratégias simbólicas, ainda de acordo com Thompson (1995, p.82-87) podem ser classificadas e conceituadas em cinco grandes grupos, a saber:

1º) Legitimação: trata-se de uma estratégia através da qual as relações de dominação são consideradas legítimas e fundamentadas em um certo direito herdado. Fazem apelo a uma racionalização que aponta para a legalidade das regras dadas, a sacralidade imemorial ou ao fundamento carismático de um líder. Dessa forma, pode ocorrer uma universalização através da qual, acordos que interessam a pequenos grupos são entendidos como interessando ao todo social. Por fim, o emprego de uma narrativização, para as quais as exigências de legitimação estão fundamentadas em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável.

2º) Dissimulação: outro *modus operandi* é a dissimulação. A partir dela, as relações de dominação podem surgir e serem mantidas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou se tornado obscuras. Aparece como uma estratégia de deslocamento, na qual um termo utilizado para uma pessoa ou objeto é empregado para outro, fazendo que as características negativas ou positivas do termo sejam transferidas para outro objeto ou pessoa. Igualmente a isso, ações, instituições ou relações sociais são descritas ou reescritas de modo a despertar uma valoração positiva, chamada eufemismo, no qual a “violência policial” pode ser tratada como “restauração da ordem”. Por fim, o uso de tropos, ou seja, o uso figurativo da linguagem ou das formas simbólicas.

3º) Unificação: nesse caso, relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas através da construção simbólica de uma forma de unidade que interliga os indivíduos em uma identidade coletiva. Para isso ocorre a estratégia de padronização, nas quais as formas simbólicas passam a ser adaptadas a um referencial padrão proposto como fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica. Entre os exemplos, a criação de uma linguagem nacional em contexto de grupos culturalmente diversificados. Em termos da simbolização da unidade, ela é formada a partir da construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletiva, difundidos através de um grupo ou pluralidade de grupos. Entre os exemplos podem ser acrescentados a bandeira, o hino, inscrições de vários tipos e emblemas.

4º) Fragmentação: nessa estratégia simbólica e ideológica, as relações de dominação podem ser mantidas não unificando as pessoas em uma coletividade, mas segmentando os indivíduos e grupos potencialmente capazes de serem opositores aos grupos dominantes, elaborando-se uma imagem de ser um grupo perigoso, ameaçador ou representante do mau. Para isso, é utilizado o recurso da diferenciação, dando-se ênfase às distinções entre pessoas e grupos de oposição, exacerbando as características que os desunem e os impedem de manter um convívio coeso. Por fim, o expurgo do outro é uma estratégia de construção simbólica de um inimigo, seja ele membro do grupo ao qual pertence o grupo dominante ou de outro grupo exterior, sendo retratado como mau, perigoso ou ameaçador.

5º) Reificação: através dela, as relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas, considerando que um acontecimento transitório, seja percebido como permanente e atemporal. Dessa forma, caráter social e histórico do acontecimento fica obscurecido. Para isso, concorre um processo de naturalização, no qual uma construção social e histórica pode ser tratada como um acontecimento inevitável de origem natural. Igualmente, transpassa uma estratégia de eternalização, onde esses aludidos fenômenos sociais e históricos são apresentados como imutáveis, permanentes e recorrentes. Para isso é elaborada uma interpretação de que costumes, tradições e instituições, cujas origens estão perdidas no tempo, adquirem uma rigidez inquebrantável. Finalizando,

nominalização / passivação implica que no primeiro caso, acontece quando sentenças ou partes delas, descrições de uma ação social e dos seus respectivos participantes, são transformadas em nomes. Como exemplo: “o primeiro ministro decidiu banir as importações” foi transformada em “o banimento das importações”. No segundo caso, a passivização implica quando os verbos são colocados na forma passiva. Como exemplo: “os policiais estão investigando o suspeito” foi transformada em “o suspeito está sendo investigado”.

Nesse sentido, existe uma relação de proximidade entre ideologia e prática social, e no próximo ítem, será comentada teoricamente a produção do discurso como uma prática discursiva.

1.2 Prática discursiva

Para Foucault (2004), a noção de discurso reforça uma atitude que a Análise do Discurso, sendo coerente com a perspectiva da linguagem como atividade com funções específicas na cultura e na sociedade. Analisar o discurso não é interpretá-lo objetivamente com o que realmente se quis dizer, são séries de acontecimentos que a ordem do saber produz e controla. Em seu livro *Arqueologia do saber*, Foucault revela:

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2004, p.56).

Assim, podemos discorrer que, para Foucault, a concepção de linguagem abrange o lugar de constituição do sujeito e o discurso como uma prática. No discurso não há simplesmente significação de palavras que representaria as coisas, a complexidade da linguagem não se reduz a um sistema ou código. Foucault enriquece a dimensão da análise do discurso, mostrando que o discurso é uma prática em meio a outras práticas, a da efetividade dos acontecimentos enunciativos.

Analisando as chamadas formações discursivas, Foucault (2004, p.36-41) elabora quatro hipóteses:

1ª Elas formam um conjunto coeso de diferentes enunciados, dispersos no tempo, mas que se referem a um único e mesmo objeto.

2ª Elas se caracterizam por um caráter constante da forma, do tipo de encadeamento, e do processo de enunciação.

3ª Elas são formadas por grupos determinados aglutinando um sistema de conceitos permanentes e coerentes.

4ª Elas são reagrupamento de enunciados, que descrevem o respectivo encadeamento e explicam a identidade e a persistência dos temas.

Portanto, ao ser pensada a relação entre formação discursiva e grupos temáticos, torna-se importante definir o conceito de tema, a partir de uma perspectiva bakhtiniana, a saber:

Já o tema é indissociável da enunciação, pois, assim como esta é a expressão de uma situação histórica concreta. Como decorrência é único e irrepetível. Participam da construção do tema não apenas os elementos estáveis da significação mas também os elementos extraverbais, que integram a situação de produção, de recepção e de circulação. Dessa forma, o instável e o inusitado de cada enunciação se somam à significação, dando origem ao tema, resultado final e global do processo da construção de sentido (CEREJA, 2005, p.202).

Estes grupos temáticos estão relacionados com uma determinada situação histórica, única, quando são enunciados a partir da perspectiva de determinados atores sociais que se encontram em lugares sociais específicos, sejam por critérios de trabalho, de gênero, de etnia, etário, de renda, entre outros. Portanto, existe como bastidor para esta produção temática determinados contextos responsáveis pela produção, distribuição e recepção dos temas, que se caracterizam como unidades de sentido, presentes em palavras, frases ou parágrafos, ou seja, em enunciados.

Pode-se, inclusive, associar ao conceito de formações discursivas o próprio conceito de interdiscursividade, definido por Charaudeau e Maingueneau (2006, p.286) do seguinte modo:

Todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso. Esse último está para o discurso como intertexto está para o texto. Em um sentido restritivo, o interdiscurso é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos (de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos) que mantém relações de delimitação recíproca uns com os outros. Assim, para Courtine (1981:54) o interdiscurso é "uma articulação contraditória de formações discursivas que se referem a formações ideológicas antagônicas.

Do mesmo modo que existe um sentido negativo (alienação) e positivo (visão de mundo) para o conceito de ideologia, existem dois sentidos para o conceito de interdiscursividade. O primeiro, mais amplo, envolve uma relação de discursos entre si, a um nível maior semelhante à relação de um texto com outros textos. Por outro lado, em um sentido mais restrito, há referência a um conflito entre discursos quando expressam visões ideológicas distintas. Na presente dissertação, será utilizado o primeiro sentido de interdiscurso, considerando a respectiva relação com as formações discursivas.

Por sua vez, o processo de enunciação do discurso caracteriza-se por uma determinada prática e sobre isso, comenta Foucault (2004, p. 133):

[...] é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.

Fairclough (2001) considera o discurso como uma prática social, sendo o discurso uma ação, em que as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre outras pessoas, implicando numa relação dialética entre o discurso e a estrutura social. O discurso também é moldado, sendo influenciado pelas relações sociais, através do nível social, da educação, dentre outras. Contribui especialmente de três formas: para as identidades sociais, as relações sociais entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimento e crença. O autor exemplifica:

Por exemplo, as identidades de professores e alunos e as relações entre elas, que estão no centro de um sistema de educação, dependem da consistência e da durabilidade de padrões de fala no interior e no exterior dessas relações para sua reprodução. Porém, elas estão abertas a transformações que podem originar-se parcialmente no discurso: na fala da sala de aula, no parquinho, da sala dos professores, do debate educacional, e assim por diante (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92).

O texto, a prática discursiva (produção, distribuição e consumo) e a prática social, são tradições analíticas, indispensáveis para a análise do discurso. Fairclough (2001, p. 101) faz a representação do modelo tridimensional do discurso, através do diagrama abaixo:

Figura 1 - Modelo tridimensional da Análise Crítica do discurso.



Fonte: (FAIRCLOUGH, 2001, p. 101).

O texto está ligado à produção e à interpretação textual, os textos podem ser de diversos gêneros, entrevistas, poemas, discursos políticos, que de alguma forma são transcritos, registrados, entre outros. A prática discursiva abrange os processos de produção, distribuição e consumo textual, variando de acordo com os diferentes tipos de discurso e com fatores sociais. O consumo e a produção podem ser individuais e coletivos, a distribuição simples, como uma conversa casual, ou de forma mais complexa, textos produzidos por líderes políticos.

A prática social tem abordagens econômicas, políticas, culturais e ideológicas, sendo o discurso, parte implicada em todas estas. Envolve o contexto ideológico e hegemônico, sendo a ideologia como significações e construções da realidade, já a hegemonia, considera-se a liderança e dominação dos aspectos econômicos,

políticos, culturais e ideológicos de uma sociedade, o poder das forças dominantes (FAIRCLOUGH, 2001).

Portanto, ao serem entrevistados os artesãos do barro no Alto de Moura em Caruaru abordando temas sobre a relação entre trabalho e saúde, tanto o processo de entrevistar quanto de ser entrevistado obedece a determinadas normas que se desconhece a autoria das mesmas, sendo contextualizadas com determinado momento histórico, social, geográfico, linguístico, e se caracterizando como uma função enunciativa. Este processo de enunciação se materializa em um determinado texto e nele estão presentes algumas categorias que serão analisadas no próximo item.

1.3 Texto: tema, significado das palavras e metáforas.

Os termos texto e discurso têm acepções com diferentes tendências, envolvendo pontos de vistas teóricos e metodológicos diversos, implicando diferentes concepções e enfoques de linguagem (BRAIT; SOUZA-E-SILVA, 2012).

Maingueneau (2012) discorre que as noções de texto e de discurso surgem indissociáveis, sendo o texto pertencente ao discurso, em suma, todo discurso produz um texto. Para alguns que entendem pouco sobre esta temática, acaba por apreender que a noção de texto é empregada para delinear uma sequência de frases que forma um todo coerente.

Textos podem ser vistos como parte discursiva de eventos sociais, por estabelecerem eventos discursivos como conceituam as analistas do discurso crítico, o texto é um fundamental material empírico de pesquisa do analista do discurso, é a partir deste arcabouço linguístico que se busca conexões dialéticas entre discurso e aspectos sociais Ramalho e Resende (2011).

Nesta perspectiva, segundo Koch (2012), textos orais e escritos, fazem parte de um construto histórico e social, sendo um espaço de interação entre os sujeitos sociais, nos quais elementos que constituem e são constituídos, por eles linguísticos, sociocognitivas e interacionais, na construção de objetos de discurso, possibilitando diversas formas de organização textual e de seleção lexical da língua.

O texto é um elemento heterogêneo que desponta numa relação radical de seus fatores internos e externos, como Bakhtin revela:

O texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é um diálogo entre textos [...] Por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas (BAKHTIN, 1986, p. 162).

Ademais, sobre a análise textual na visão do analista crítico do discurso, torna-se importante conceituar as categorias analíticas, de acordo com Fairclough (2003), que são formas e significados textuais associados à maneira de interagir e identificar-se em práticas sociais. São questões para análise textual, em relação aos aspectos discursivos das categorias analíticas: estrutura genérica; intertextualidade; presunção; relações semânticas/gramaticais entre períodos e orações; trocas, funções de fala, modo gramatical; interdiscursividade; representação de eventos/atores sociais; identificação; modalidade e avaliação. A relação texto e discurso se cruzam, em função da perspectiva escolhida de análise, como exemplificado acima.

Iniciando as discussões sobre o tema, este é considerado a parte inicial da oração, considerado por Fairclough (2001), como o ponto inicial do produtor do texto em uma oração, seria a informação que se quer dar, já estabelecida pelo produtor e intérprete do texto.

Geralmente as palavras possuem vários significados, que são lexicalizados de varias maneiras. Expressando que os produtores estão diante de escolhas, de como se utilizar a palavra, e os intérpretes se confrontando como as escolhas que os produtores fizeram, ou seja, que valor atribuir às palavras. Não sendo de percepção apenas individual, os significados das palavras e a lexicalização, pois podem ser variáveis socialmente, assim como, contestadas, abrangendo processos sociais mais amplos. O modelo de significado através do dicionário é harmonizado com o texto, onde são produzidos e interpretados, através de normas para um significado potencial (FAIRCLOUGH, 2001).

As metáforas também estão presentes nos textos, segundo Fairclough (2001, p. 241).

As metáforas penetram em todos os tipos de linguagem e em todos os tipos de discurso, mesmo nos casos menos promissores, como o discurso científico e técnico. Além disso, as metáforas não são apenas adornos estilísticos superficiais do discurso. Quando nós significamos coisas por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra. As metáforas estruturam o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental.

Por vezes as metáforas estão presentes e naturalizadas em uma cultura particular, onde as pessoas muitas vezes nem percebem, mas estão intrincadas em seus discursos, em pensamentos e ações (Fairclough, 2001).

2 REPRODUÇÃO SOCIAL NA SAÚDE DO TRABALHADOR

A Organização Mundial de Saúde (2010, p. 6) define ambiente saudável nas atividades laborais como sendo

[...] aquele em que os trabalhadores e os gestores colaboram para o uso de um processo de melhoria contínua da proteção e promoção da segurança, saúde e bem-estar de todos os trabalhadores e para a sustentabilidade do ambiente de trabalho [...].

Esta relação entre trabalho e meio ambiente envolve prevenção e promoção de saúde como prioritário para o trabalhador, postergando o processo de adoecimento e morte. Um dos importantes autores que estudam a relação entre saúde e meio ambiente é o filósofo e sanitarista argentino Juan Samaja (1941-2007).

Para Samaja (2000), um conceito chave é o de reprodução social e envolve a natureza, a sociedade e a cultura. A palavra reprodução é um substantivo feminino e significa um ato ou efeito de reproduzir algo ou reproduzir-se. Já produção ato ou efeito de produzir, de fazer inicialmente alguma coisa (HOUAISS; VILLAR, 2009). Por sua vez, para Samaja (2000, p.73): “reprodução é uma nova produção”.

Nesse sentido cada ciclo reprodutivo se modifica e consegue através de um efeito adaptativo estabilizar essa modificação em termos daquilo que inicialmente foi exposto, ou seja, aquilo que foi modificado. A reprodução ocorre de forma lenta e transforma aquilo que reproduz.

Para Marx, a produção e reprodução, da vida através do trabalho, considerada uma atividade humana básica, que se constitui a história dos homens, com interfaces econômicas, sociais, políticas e intelectuais (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2003).

Para Samaja (1996), o desenvolvimento humano decorre da reprodução social, agrupando quatro dimensões interdependentes. São elas: a reprodução biológica (bio-comunal); da autoconsciência e da conduta humana (comunal-cultural); a econômica (societal) e a ecológica-política (estatal). Cada um desses processos reprodutivos contém outras condições para sua realização.

Desse modo Samaja (2000), define os quatro agrupamentos da reprodução:

a) Reprodução bio-comunal: Seus membros reproduzem a cada dia condições sociais que permitem a reprodução corporal e também a rede de inter-relações que se realizam com o indivíduo.

b) Reprodução comunal-cultural: Abrange a autoconsciência e a conduta humana, tendo implicações maiores do que a bio-comunal, pois o ser humano produz cultura, através de redes simbólicas, abarcando a transmissão e aprendizagem de crenças. A reprodução da autoconsciência e da conduta é dividida em dois grandes conceitos: a socialização primária, em que o desenvolvimento é formado pela família e a socialização secundária (ou educação), que podem ser exemplificada pelas escolas e instituições civis.

c) Reprodução econômico-societal: Os seres humanos devem produzir seus meios de vida, “a reprodução econômica abarca amplo espectro das atividades designadas como trabalho humano, incluindo, sob esta denominação, os momentos de produção, distribuição e intercâmbio” (SAMAJA, 2000, p. 79).

d) Reprodução ecológico-política: Caracteriza-se pela concepção através da qual o indivíduo deve reestabelecer a relação de interdependência, ou seja, no processo reprodutivo do sistema social com o meio ambiente, incluindo os familiares e vizinhança. Já nas sociedades com Estado envolvem as estruturas estatais de bairro, paroquiais, municipais, estaduais e nacionais.

Baseado no pensamento samajiano, em um estudo sobre os conceitos de saúde em discursos contemporâneos de referência científica, Coelho e Almeida Filho (2002), consideram que a ciência da saúde humana se constitui entre o individual e o social, com objetivos complexos que envolvem as células, organismos,

biossociedades, sociedades, culturais e sociedades políticas, chamados de subobjetos.

Coelho e Almeida Filho (2002, p. 324) ainda comentam:

Cada conjunto de práticas reprodutivas contém os níveis anteriores, seja como insumo e condições de sua efetuação, seja como contexto e condições de fronteira. Nessa perspectiva, o normal e o patológico mantêm relação com o indivíduo, porém, o que se designa como "indivíduo" implica uma construção social que recorta os diferentes níveis, de modo que, em cada etapa de integração, se realizam planos distintos de individualidade.

O aspecto dialético da teoria de reprodução de Juan Samaja está presente neste comentário que enfatiza que o conjunto de práticas reprodutivas se inter-relaciona, seja como insumo, ou seja, uma coisa, fato ou fenômeno que é utilizada para a produção de outra coisa, fato ou fenômeno, condição ou cenário de efetuação. Nesse sentido, o conceito de "indivíduo" mostra-se uma construção social que envolve tanto os aspectos biológicos, como os socioculturais, entre eles família, religião, comunidade, economia, política e trabalho.

Como ilustração sobre a inter-relação dos agrupamentos de reprodução Samaja (2000, p.80-81) escreve o seguinte:

Os quatro processos reprodutivos podem ser observados na esfera comunal-cultural (entendendo por "sociabilidade comunal" o conjunto de famílias com suas redes de parentesco e as relações de vizinhança no microterritório). No seio destas relações sociais são levados a cabo os processos de alimentação e de refúgio (biocomunais), de socialização, educação e de outras formas de apropriação de conteúdos culturais ou "aculturação", de elaboração de meios de vida (alimentos, vestidos, e artesanato) e preservação da ordem interna e de saneamento da casa e do meio ambiente imediato, e de segurança e de defesa do espaço próprio.

Para fins didáticos, serão enfatizadas as principais características de cada uma dos agrupamentos de reprodução, enfatizando a relação com a saúde do trabalhador, tema desenvolvido na presente dissertação. Nesse sentido, como condicionantes da reprodução biocomunal, entende-se todas as condições, contextos e práticas biológicas e sociais, que o trabalhador está fincado. A reprodução da autoconsciência e da conduta humana refere-se às produções socioculturais que orientam o modo de vida e as práticas dos sujeitos (trabalhadores). Em seguida, a reprodução econômica descreve os fatores

econômicos que interferem na produção local. Finalizando, a ecológica-política abarca o conjunto de políticas públicas e/ou sociais que intervêm nas condições de vida do trabalhador (SAMPAIO; BEDOR; AUGUSTO, 2009).

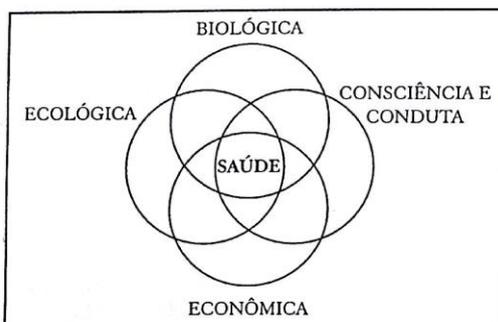
Portanto, considerando que cada agrupamento de reprodução pode se caracterizar como insumo para outros agrupamentos, Samaja (2000, p. 75) elabora o seguinte quadro considerado como as relações funcionais representadas por matriz de insumo/produto:

Quadro 1 Relações funcionais representadas por matriz de insumo/produto.

INSUMOS	PRODUTOS
REPRODUÇÃO: De condições ecológicas Da autoconsciência e da conduta De recursos econômicos (bens)	Reprodução bio-comunal
De condições biológicas De condições ecológicas De recursos econômicos	Reprodução comunal-cultural
De condições biológicas Da consciência e da conduta De condições ecológicas	Reprodução econômico-societal
De condições biológicas Da consciência e da conduta De recursos econômicos (bens)	Reprodução ecológico-política

Castellanos (1990) descreve que os movimentos reprodutivos da reprodução social estão interligados através das condições de vida, sendo o centro do diagrama a saúde, onde esta não se pode observar de forma afastada, onde se distribuem pelos modelos de reprodução biológica, da consciência e da conduta, economia e ecológica, assim sendo, todos fazem parte das condições de reprodução dos outros (figura 2).

Figura 2 - Movimentos reprodutivos da reprodução social



Fonte: Castellanos (1990, *apud* Samaja 2001, p. 98)

Continuando a análise de Samaja (2000, p.100) parte-se para a seguinte dedução: se saúde é definida como completo bem-estar, ela não pode ser compreendida desvinculada das condições de vida das populações. Isso implica considerar que somente se pode definir saúde como “um controle sobre os processos de reprodução da vida social”.

Reiterando, estudos na área da saúde devem envolver a reprodução da vida social do indivíduo. Esta visão compreende os problemas da reprodução biológica, psicológica, da reprodução econômica e também ecológico-política, envolvendo diversas esferas sociais e disciplinas científicas, compreendendo conhecimentos da engenharia, arquitetura, sociologia, antropologia e economia, visando uma perspectiva interdisciplinar (SAMAJA, 2000).

Samaja (2000) ainda considera a importância da linguagem na constituição de indicadores sanitários, destacando a do senso comum, substrato passível de análise crítica, que pode ter valor de verdade científico, considerando-se a percepção dos atores sociais que estão abarcados nesse contexto.

Outro relevante tema está relacionado com a palavra trabalho. Esta palavra vem do latim *tripalium* e significa um instrumento de tortura, cuja derivação *tripaliari*, representa o ato de torturar, entendido como uma tortura para os escravos (CARMO, 1997). Ao longo do tempo, este termo sofreu modificações. Na Antiguidade, o trabalho modificava as condições de viver, adoecer e morrer dos homens. Na Idade Média passava a ser indigno para o homem de classe. No Renascimento e na Idade Moderna, o trabalho passou a ser admirado e nesta época prevalecia a produção de artesanato e a produção artística (CARMO, 1997; FRIAS JR., 1999).

Segundo Marx (1867/1988), o trabalho é entendido como uma atividade coordenada na esfera física e intelectual. O trabalhador interage com a natureza, utilizando-se de seus recursos para o desenvolvimento de seus potenciais de trabalho em conjunto com as forças naturais. Com as transformações históricas, houve transformações da Natureza e do trabalho e se pode dizer que o homem passou também a ser transformado ao se relacionar com este novo ambiente de trabalho, sofrendo influências em sua vida social e política, passando de uma autonomia como artesão para vender a sua força de trabalho na estrutura social capitalista (MARX, 1867/1988).

A definição de trabalho, de acordo com Marx (1867/1988) é de um conjunto de atividades desenvolvidas pelos homens e que tem por finalidade produzir bens e

serviços. Nessa perspectiva, a saúde do trabalhador é compreendida através de uma determinação socioambiental complexa, pois o trabalhador pode encontrar-se em situações potenciais de risco relacionadas à atividade de trabalho, gerando assim danos à sua respectiva saúde (AUGUSTO, 2009). Entende-se que a saúde do trabalhador perpassa por práticas sociais, que mantêm a reprodução e transformação social constante (SAMPAIO; BEDOR; AUGUSTO, 2009).

Um marco histórico para a saúde do trabalhador foi a descrição das doenças ocupacionais relatadas desde antes de Cristo (a.C.). Bernardino Ramazzini conhecido como o fundador da “Medicina do Trabalho”, em 1700 indagava sobre os trabalhadores doentes, com a seguinte pergunta: *que arte exerce?* Descreveu em livro intitulado *De Morbis Artificum Diatriba*, cerca de 50 doenças ocupacionais, entre elas pode ser citada a doenças dos oleiros:

Não faltam, em quase todas as cidades, outros artífices vítimas das pestes metálicas, entre os quais estão os oleiros; pois em que cidade ou em que país não se pratica a cerâmica, ou seja, a mais antiga das artes? [...] Não menos digno de admiração e atenção é o fabricante de objetos de cerâmica que se cozem primeiro nos fornos, são logo envolvidos com chumbo calcinado e pó de sílica diluído em água, vão novamente ao forno e ali se cobrem de uma crosta vítrea, pela ação do fogo, o que os torna utilíssimos em quase todas as necessidades; insistem químicos para que nas operações espagíricas sejam usados os vasos vitrificados (RAMAZZINI, 2000 [1700], p. 47-48).

Na observação do fundador da “Medicina do Trabalho”, consideram-se como efeitos agravantes à saúde os componentes metálicos do barro que participam do processo artesanal da cerâmica, entre eles o chumbo, a sílica, entre outros. Paracelso (1493-1541) também relata o contato com as altas temperaturas, descrevendo que o processo também passa através da alusão alquímica de “espagíria”, termo oriundo do grego *spagyria*, e que significa em português separar, extrair e reunir (MENDES, 2013).

Um acontecimento relevante na história do mundo do trabalho foi a Revolução Industrial, iniciada na Europa, em meados do fim do século XVIII, trazendo o progresso tecnológico. Com a chegada dessa aceleração industrial, surgiram novos modos de produção, extensivas jornadas de trabalho, vínculos empregatícios precários, entre outros, culminando com o aumento de diversas doenças e acidentes de trabalho. Nesse período, um marco importante foram as contribuições do

engenheiro mecânico Frederick W. Taylor (1856-1915) e do empreendedor Henry Ford (1863-1947), ambos estadunidenses.

Taylor desenvolveu o método de trabalho conhecido como *Scientific Management* (Gerenciamento Científico), baseado na fragmentação de tarefas. Este método, denominado *taylorista*, foi iniciado na virada do século XIX para o século XX, sendo estratégico para o capitalismo industrial. Por sua vez, Henry Ford, em meados dos anos 40 do século XX, e baseado inicialmente no modelo de Taylor, criou outro modelo de trabalho denominado *fordismo*, inserindo a esteira de montagem dentro da produção industrial. Configuraram-se, então, homens sendo transformados em máquinas, com a criação da produção em série (MORAES NETO, 1989; AGUIAR, 2012; GURGEL; MEDEIROS, 2012).

O modelo do *toyotismo*, desenvolvido pelo japonês Taiichi Ohno (1912-1990) em meados da década de 70, pode ser considerado ainda parte da Revolução Industrial. Este modelo caracteriza-se pela produção em pequenos estoques, ou seja, produzir somente o necessário. Conhecido pela *acumulação flexível*, este modelo propõe investir nas produções tecnológicas, garantindo maior qualidade dos produtos (MORAES NETO, 1989; AGUIAR, 2012; GURGEL; MEDEIROS, 2012).

Historicamente, a sociedade capitalista baseada no pensamento de Marx, coloca o trabalhador como aquele que a força de trabalho está disponível para o mercado, em oposição ao empregador, que contrata este trabalhador através de um salário, funcionando este salário como uma equivalência de troca, ou seja, a venda da força de trabalho pelo mesmo (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2003).

Nesse sentido e ainda de acordo com Quintaneiro, Barbosa e Oliveira (2003, p.47), nessas relações encontra-se o *tempo de trabalho necessário* quando o trabalhador produz e gera seu salário e o *tempo de trabalho excedente*. Neste tempo excedente, o trabalhador não cria valor para ele e sim para o proprietário do capital. Importante destacar, que o tempo de trabalho não pago e que excede, é apropriado pela burguesia. Assim a acumulação de renda torna-se crescente para poucos, sendo esta, portanto, uma riqueza em que não é apropriada pelos trabalhadores. O conceito de mais-valia de Marx é definido pelo “valor que ultrapassa o dos fatores consumidos no processo produtivo (meios de produção e força de trabalho), e que se acrescenta ao capital empregado inicialmente na produção”.

Segundo Marx ([1867]1988) o trabalhador, muitas vezes não percebe esta condição de exploração no trabalho. Este fenômeno está relacionado com o fato de

que a produção depende do consumo e vice e versa. Se tudo fosse consumido e não se produzisse mais, este ciclo se fecharia. Entretanto, é uma possibilidade que não ocorre em uma sociedade capitalista, haja vista que o que é produzido tem que ser consumido imediatamente, para que se produza mais, explorando o salário do trabalhador. Se não fosse dessa forma, a classe dominante não acumularia capital e, portanto, não obteria lucros. Logo, o sentido de alienação se fundamenta em que o trabalhador produz o automóvel, através do modelo preconizado pelo fordismo ou toyotismo, mas não tem recursos financeiros pra comprá-lo. Portanto, é priorizado mais o objeto do que o sujeito e este sujeito não pode comprar o que produz. Assim, ele não se reconhecer naquilo que é produzido, é o que fundamenta a teoria da alienação.

Com a Saúde do Trabalhador instituída pelas políticas públicas, tenta-se fazer a relação denexo causal entre o adoecer e o morrer no setor produtivo por conta dos processos de trabalho, estudados em conjunto com valores, crenças, ideias e as representações sociais (MENDES; DIAS, 1991).

As questões relacionadas à evolução da Saúde do Trabalhador no Brasil estiveram vinculadas a Previdência Social. Antes o direito à assistência à saúde era apenas para quem contribuía com a forma da previdência da época, até a Constituição Cidadã. A população brasileira somente passou a ter acesso universal à assistência à saúde, após a promulgação da Constituição Federal do Brasil em 1988. Superava-se um modelo de benefício previdenciário ou de caridade para com os indigentes.

Em seu artigo 200 da Constituição, está escrito que “ao Sistema Único de Saúde compete [...] executar as ações de Saúde do Trabalhador”, assim como “colaborar na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho” (BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988, 1988).

A Lei Orgânica da Saúde (LOS) nº 8.080 de 1990, em seu artigo 6º, parágrafo 3º, define a Saúde do Trabalhador do seguinte modo:

Entende-se por Saúde do Trabalhador, para fins desta lei, um conjunto de atividades que se destina, através das ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, à promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa à recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos

aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho (BRASIL, Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, 1990).

O objetivo da saúde do trabalhador é definido por Mendes e Dias (1991, p. 347) como “o processo saúde e doença dos grupos humanos, em sua relação com o trabalho”. Rompe assim uma concepção hegemônica e estabelece um nexo entre a doença, agente específico e fatores de riscos presentes nos ambientes de trabalho.

Será no discutido no próximo item, a metodologia, espaço para explicação minuciosa e detalhada do desenvolvimento do método desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

3.1 CAMPO

Este estudo ocorreu no município de Caruaru (306.788 habitantes), encontra-se situado na Mesorregião Agreste Pernambucano (IBGE, 2010). Além da agropecuária, indústria e serviços, existem os artesãos do barro que são internacionalmente conhecidos pela obra do Mestre Vitalino (1909-1963) e se concentram suas moradias e trabalho no Alto do Moura, onde vivem em torno de 1.000 artesãos (SILVA, 2010).

No século XVIII aconteceu a transformação da antiga Fazenda Caruru, sendo nesta época apoio para boiadeiros, tropeiros e mascates que passavam por esta região do agreste de Pernambuco. Desenvolveu-se, então, um pequeno comércio com materiais relacionados com o gado, vindo posteriormente a se tornar a Feira de Caruaru (IPHAN, 2006).

Conseqüentemente a cidade foi sendo construída no entorno da feira, e em 1781 surgiu a capela de Nossa Senhora da Conceição, fazendo com que esta cidade também fosse conhecida pelas peregrinações religiosas que ali aconteciam. Em meados do século XIX e XX, foi inaugurada a estrada ferroviária do Norte, impulsionando ainda mais o comércio da região, além de posteriormente ocorrer a construção de rodovias estaduais e federais. Passando a integrar como produto na Feira de Caruaru, a confecção conhecida como sulanca, no final da década de 70, atraía compradores de diversas regiões do país. Em 2006, a Feira de Caruaru recebeu o título de patrimônio imaterial brasileiro, que se destinava a proteger a dimensão do espaço sociocultural (IPHAN, 2006).

Atualmente na Feira de Caruaru encontra-se vivo o comércio do gado, dos produtos de couro, do tear, do cordel, da farinha de mandioca e das figuras do barro inventadas por Mestre Vitalino, que ainda estão imbricadas na memória deste lugar (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2014).

3.2 PEQUENA HISTÓRIA DO ARTESANATO DO BARRO EM CARUARU

Alto do Moura, bairro do município de Caruaru, situado no agreste de Pernambuco, concentra uma grande comunidade de artistas do artesanato do barro. Distanto sete quilômetros do centro da cidade, é considerada pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o maior Centro de Artes Figurativas das Américas (SILVA, 2010).

No século XVI, Caruaru fazia parte de um território entre a Bahia e o Maranhão, onde moravam os índios Kariris, que faziam produção de cerâmica do barro. Em meados do século XX, iniciou-se a produção de louças, como os potes, jarras e utensílios domésticos, com influencia marcante dos indígenas, negros e portugueses. Esta tarefa era transmitida de mãe para filha, assim como as atividades domésticas e tornava uma fonte de renda para as famílias do Alto do Moura, ainda considerada uma área rural. Com o advento da feira de Caruaru, a comercialização da produção do barro tornou-se uma atividade mais lucrativa, gerando fonte de renda para as famílias que viviam no Alto do Moura, conforme visto a atividade primordial da época era a agricultura (GASPAR, 2011).

O Mestre Vitalino, aos seis anos de idade, aproveitava o que sobrava da produção de panelas de barro que sua mãe fazia, e confeccionou uma peça de um caçador trepado em um poste, fazendo pontaria para os dois gatos maracajás acuados pelos cachorros. Levou até a Feira de Caruaru e conseguiu vender, a partir desse primeiro passo, Vitalino começou a fazer uma diversidade de peças mostrando a realidade social da época (SILVA, 2010).

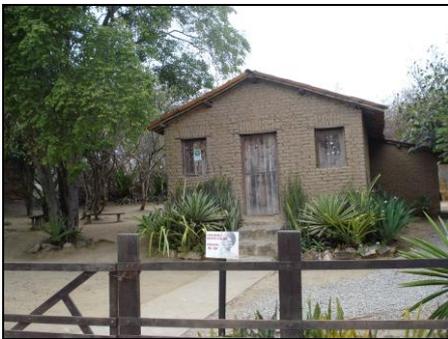
Outros importantes artistas locais, influenciados pelo Mestre Vitalino, como Zé Cabloco, Manuel Eudócio, Zé Rodrigues, Ernestina, Luís Antonio, entre outros, passam também o seu legado e aqueles já falecidos continuam tendo o seu estilo reproduzido por outros artesãos, retratando em diversas peças o cotidiano desta comunidade e elementos da cultura popular. Existem temas como o bumba-meu-boi, o maracatu, as bandas de pífano, os retirantes da seca, o cangaço, Lampião e Maria Bonita, e algumas personagens da cultura midiática oriunda das telenovelas, além de outros temas atuais (IPHAN, 2006).

Continuando, em 1981 foi criada a Associação dos Artesãos em Barro e Moradores do Alto do Moura (ABMAM), onde através desta muitas realizações para

o bairro aconteceram, como água encanada, calçamento, posto de saúde, praça do artesão, participação em feiras importantes, campo de futebol, reservas de argila, entre outros (SILVA, 2010).

No Alto do Moura encontra-se o Museu de Vitalino Pereira dos Santos (1909-1963), o Mestre Vitalino, localizado em casa simples onde viveu o artesão (Figura 3). Outro museu do bairro é o do cantador de viola e poeta popular Manuel Galdino de Freitas (1929-1996) - Mestre Galdino, que abriga diversas peças de barro, fotografias e poesias (GASPAR, 2011).

Figura 3 - Museu do Mestre Vitalino



Finalizando, um grande poeta caruaruense, Petrúcio Amorim (2004), desde a infância compunha suas músicas e cantava forró. Em seu sexto CD, homenageia o Mestre Vitalino com a canção “Deus do Barro”, cantada por Valdir Santos, Marrom Brasileiro e Naná Vasconcelos, descrita abaixo:

Quando deus fez o homem sua semelhança
 Foi amassando o barro com a mão
 Deu um sopro de vida e esperança
 E espalhou pelo mundo a criação
 Pra fazer com amor é preciso fé
 Da mistura da lama saber tirar
 A imagem de toda Maria e todo Zé
 Tudo aquilo que a terra pudesse dá

O boneco do Mestre Vitalino
 É grandeza por ter simplicidade
 Com o barro ele fez o seu destino
 Pelo barro ganhou eternidade
 Pra fazer com amor é preciso fé
 Da mistura da lama saber tirar a imagem
 De toda Maria e todo Zé
 Tudo aquilo que a terra pudesse dar

Amassa com a mão amassa

Um boneco uma banda de pifano
 Um dentista, um cavalo, um boi de carro
 Amassa com a mão amassa
 Se deus é um Vitalino, Vitalino é deus do barro.

Hoje o Alto do Moura tem vários bares e restaurantes, onde nos cardápios predomina a culinária regional (bode, carne de sol, feijão de corda, entre outros). Além da culinária, o bairro é muito visitado durante os festejos juninos que acontecem no município de Caruaru (GASPAR, 2011).

3.3 PERFIL DOS SUJEITOS

Foi formado pelos artesãos do barro que trabalham no Alto do Moura, a partir da amostragem por conveniência e saturação (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

Foram seis os sujeitos da pesquisa, seus nomes foram modificados, para manter a privacidade no decorrer da pesquisa. Dentre os artesãos, três artesãos do sexo feminino e três do sexo masculino, a média de idade varia de 23 a 47 anos, todos relatam serem casados. Quanto à escolaridade, dois possuem ensino fundamental I incompleto, dois, ensino fundamental II incompleto, um ensino médio completo e um ensino técnico (Segurança do Trabalho) e superior incompleto (Administração). Em relação ao tempo que trabalham como artesãos foram de 7 a 32 anos. Quanto à função que exercem dentro da cadeia produtiva do barro, quatro são fazedores de boneca, um de galinha, dentre estes, um ainda faz o preparo do barro e outro também faz outras atividades além de fazer a boneca, como a queima e pintura, uma faz pintura (Quadro 2).

Quadro 2 Perfil sociosanitários dos sujeitos entrevistados

	Sexo	Estado civil	Idade	Tempo de trabalho	Escolaridade	Função
E1 Lindoval	M	Casado	23 anos	18 anos	5ª série Fundamental II	Fazedor de boneca.
E2 Leonildo	M	Casado	28 anos	17 anos	4ª série Fundamental I	Fazedor de boneca.
E3 Ubiracema	F	Casada	47 anos	32 anos	3ª série Fundamental I	Fazedora de boneca, queima da boneca e pintura.
E4 Berenice	F	Casada	25 anos	7 anos	Ensino médio	Pintura.

E5 Eleonora	F	Casada	27 anos	15 anos	Ensino técnico e superior em andamento	Fazedora de galinha.
E6 Miguel	M	Casado	34 anos	22 anos	Ensino Fundamental II – incompleto	Fazedor do preparo do barro, base para boneca e queima.

3.4 INSTRUMENTOS

A pesquisa é do tipo qualitativo e analítico, sendo enfatizados os significados dos processos que ocorrem no microespaço do cotidiano (NOGUEIRA-MARTINS; BÓGUS, 2004), ou seja, são estudados os processos que ocorrem nos seus respectivos cotidianos.

3.5 ESTRATÉGIAS DE PESQUISA

1ª Visita aos artesãos do barro; 2º Seleção dos sujeitos entrevistados a partir das referências dos próprios artesãos; 3º Realização das entrevistas com uso de gravador; 4º Transcrição das entrevistas e análise com o programa Word for Windows; 5º Elaboração do relatório final; 6º Retorno aos sujeitos.

3.6 MÉTODO DE ANÁLISE

Os procedimentos analíticos através de coleta de dados, incluem transcrição das entrevistas e a análise do campo lógico-semântico, da interdiscursividade, responsável pela organização das formações discursivas (FOUCAULT, 2004), representações dos eventos e modalizadores. Esta análise do texto transcrito é compreendida como uma prática discursiva que se caracteriza como prática social, de acordo com o modelo tridimensional de Fairclough (2001). A coleta de dados foi primária, a partir de um roteiro de entrevista semidiretiva (APÊNDICE A) enfocando o discurso crítico sobre a relação trabalho e processo saúde-doença.

3.7 ASPECTOS ÉTICOS

Este projeto foi submetido ao Comitê em Ética e Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), parecer número 160.169 (ANEXO A), a fim de autorização, como prevê a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e só foi realizada a coleta de dados após sua aprovação.

Aos entrevistados foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B), no qual os participantes assinaram a sua permissão em fazer parte da pesquisa, podendo o participante se desligar a qualquer momento.

A confidencialidade, privacidade e individualidade foram garantidas durante as entrevistas, ficando os participantes resguardados de possíveis constrangimentos. O presente estudo não acarretou nenhum custo financeiro aos participantes, como também não possui fins lucrativos, desta forma, os mesmos, não receberam nenhum incentivo financeiro. Ao final da pesquisa estarão à disposição da população em estudo, sendo garantido o sigilo e a privacidade em relação à identificação das entrevistas.

4 ANÁLISE

4.1 Discurso sobre a cadeia produtiva do artesanato do barro

No processo de confecção do artesanato de peças de arte e utensílios domésticos existe a participação das seguintes etapas de trabalho: preparo do barro, modelagem, queima, pintura e venda. Em cada uma delas serão analisadas os seguintes temas presentes nas formações discursivas como a função na cadeia produtiva, rotina de trabalho, carga horária e tipos de produtos realizados.

Quadro 3 Temas sobre a cadeia produtiva do artesanato do barro.

Preparo do barro
- Compra do barro bruto para ser processado.
- Excesso de carga horária de trabalho.
Modelagem
- Intertextualidade com temas da cultura midiática.
- Divisão de tarefas no trabalho.
- Prejuízos para a saúde com a queima do barro.
- Excesso de carga horária de trabalho.
Pintura
- Divisão de trabalho na pintura das peças.
- Excesso de carga horária de trabalho.
Venda
- Venda no atacado para o atravessador ou para as lojas do Alto do Moura, a diferentes margens de preço.
- Quem lucra mais são os donos das lojas.
- Justificativa para o valor de custo, agregado a mercadoria.
- Uma minoria produz e vende a varejo.

4.1.1 Preparo do barro

O barro é extraído, principalmente, das margens do Rio Ipojuca, que segundo a Agencia Pernambucana de Águas e Clima (2013), apresenta uma bacia que abrange uma área de 3.435,34 km², ocupando 3,49% da área do Estado de Pernambuco. Nessa bacia estão inseridos 25 municípios, entre os quais Caruaru.

Seu estuário foi modificado nos últimos anos pela instalação do Complexo Portuário de Suape. Além disso, sofre com os efeitos da poluição, sem existir tratamento efetivo constante.

Silva (2010) em seu estudo sobre o esgotamento das jazidas de argila no Alto do Moura, relata que com o passar do tempo, os terrenos às margens do rio foram comprados por donos de cerâmicas e olarias, portanto a retirada do barro na fabricação de tijolos e telhas praticamente esgotou as jazidas, o que torna o futuro do artesanato em barro bastante incerto.

O material argiloso é conduzido por caminhões ou caminhonetes para locais específicos de preparação. Nesses locais, o barro será triturado para que ocorra uma seleção das partes mais adequadas para a modelagem das peças de artesanatos.

Entre os preparadores do barro, Miguel participa desse processo a partir da compra do material em estado bruto, sem refinamento, em pedaços grandes, vindo a armazená-lo em um local da oficina. O processamento, de fato, ocorre quando o barro é colocado em uma trituradora elétrica, rústica e improvisada (Figura 4 à 7). Sobre isso, descreve o entrevistado:

Eu compro o barro, ele vem bruto, ele vem bruto... Aí eu... processo ele todinho, até ficar pronto pra eu trabalhar. Aí com o barro pronto é que eu começo a fazer. Esse barro vem pra cá e eu começo a fazer as peças. São bases de boneca. Eu faço outras coisas também, mas no momento eu faço só as bases de boneca, mas eu faço panela de *muqueca*, jogo de panela, jogo de jarro, todo tipo. É difícil eu queimar, faço mais a entrega crua (Miguel).

Figura 4 - Barro bruto



Figura 5 - Trituradora elétrica



Figura 6 - Barro processado**Figura 7** - Barro para modelagem

No discurso de Miguel, o barro vem “bruto” e se torna “pronto” para ele e os outros trabalharem. O adjetivo “pronto” indica que o barro torna-se amolecido e próprio para a modelagem artística. Observa-se que além das “bases de boneca”, ou seja, a saia com uma pequena saliência onde será encaixado o resto do corpo, Miguel também modela utensílios como “panela de moqueca”, cujo sabor se torna melhor em panelas de barro. Portanto, se observa que Miguel além da função de preparo, igualmente modela-o e raramente queima as peças, quando elas ficam preparadas para a pintura.

Em determinado fragmente do discurso, Miguel afirma que “processa” o barro “tadinho”, até ficar pronto para ele “trabalhar”. Segundo o Houaiss e Villar (2009) processar é um verbo intransitivo ou transitivo direto. No primeiro caso, significa uma organização e no segundo, uma ação jurídica ou uma correção. Portanto, parece que para Miguel existe um sentido transitivo direto para o verbo “processar” naquele aspecto de separar o barro próprio do impróprio e deixá-lo possível de ser modelado, o que se torna uma forma de correção da matéria prima. Entretanto, o que se destaca é que Miguel avalia que depois desse processo, ele vai começar a “trabalhar” o barro, deixando em suspenso uma pergunta: qual a ideologia do conceito de trabalho? Somente é considerado trabalho a atividade artesanal?

Miguel tem uma carga horária de trabalho por volta de dezesseis horas diárias, durante seis dias da semana, totalizando cento e doze horas semanais. Esta carga horária vai contra o que é permitido pela legislação brasileira totalizando quarenta e quatro horas semanais. Sendo autônomo, esta carga horária não se torna ilegal, mas não recomendada por conta dos desgastes físicos, psíquicos, socioculturais associados. Segundo a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), no

capítulo II, seção II Da Jornada de Trabalho, no artigo 58 diz: “A duração normal do trabalho, para os empregados em qualquer atividade privada, não excederá de 8 (oito) horas diárias, desde que não seja fixado expressamente outro limite”. Em casos onde necessite de aumento da carga horária, esta não deve exceder 2 (duas) horas. No artigo 59 deverá constar, a remuneração das horas excedidas, que deve ser pago 20% (vinte por cento) superior à da hora normal (BRASIL, 1943).

Ao contrário, Miguel relata o seguinte:

Faço artesanato. Começo de seis horas da manhã e vou até dez da noite, trabalhando... Só paro pra almoçar, janta, café. Trabalho de sábado a sábado. Domingo é livre. Às vezes dependendo da encomenda, aí eu trabalho, eu dou a palavra. Aí quando não dá no sábado, termino no domingo (Miguel).

Miguel afirma que o dia de domingo é "livre", expressando que os dias de trabalho são o antônimo, ou seja, o trabalhador encontra-se "preso", o que expressa uma relação de restrição de liberdade com o trabalho. A única exceção é quando Miguel "dá a palavra" e esta expressão metafórica implica a ética do compromisso oral, tão importante quanto o compromisso contratual por escrito.

Essa exceção, segundo Miguel, ocorre “dependendo da encomenda”, pois ele “deu a palavra”. Reiterando, o valor da “palavra” vem do termo “ter palavra”, definida como cumprir o que promete. Trata-se de uma cultura tradicional influenciada pelo pensamento da Antiguidade quando a “palavra” era a promessa de cujo cumprimento se tem certeza, uma afirmação incontestável (HOUAISS; VILLAR, 2009).

Essa carga horária semanal pode se estender e perdurar até que o mesmo termine sua “encomenda”, mesmo sacrificando o seu dia livre. Para Miguel, diariamente, inclusive nos finais de semana, esta carga horária é dezesseis horas por dia. Trata-se cerca de sessenta e sete por cento do tempo consumido diariamente. Igualmente considerando que o homem divide o seu dia em oito horas cada em trabalho, lazer e dormir, Miguel parece que apenas trabalha e dorme. Portanto, o sentido de palavra trabalho faz referência a esforço, labutação, lida e luta. Conforme estudado, a etimologia da palavra trabalho vem do latim *tripalium*, considerado um instrumento de tortura, usado para manter presos, bois e cavalos complicados de ferrar e *tripaliari*, ato de torturar (CARMO, 1997).

Segundo Marx ([1867]1988), o trabalho é entendido como uma atividade coordenada, física e/ou intelectual necessária à realização de qualquer prática social. O homem com esta ação, impulsiona, regula e controla a interação com a natureza, apropriando-se assim, dos recursos, desenvolvendo potencialidades e submetendo ao seu domínio o jogo das forças naturais.

Concluída a análise do discurso sobre o processamento do barro, será abordado o discurso sobre a modelagem.

4.1.2 Modelagem

O processador do barro pode levar em carro de mão ou em moto pacotes de plástico contendo o barro, protegidos contra as impurezas e mantendo a umidade (Figura 8). Ou então, os modeladores se dirigem a estes pontos de venda, trazendo os referidos pacotes para as oficinas de modelagem.

Figura 8 - Venda do barro já processado e pronto para modelagem



O processo de modelagem se inicia a partir da retirada do plástico, colocando-se o barro sobre as mesas rústicas das oficinas, onde também se encontra a água para hidratar este barro e facilitar a modelagem.

Existe uma variedade de peças que podem ser modeladas e intituladas diferentemente como forma de diferenciar os diversos tipos de produção (Figura 9). Podem ser bonecas como a “Nega” Maluca, Mulher de Areia, Timbaleira, Baiana ou então, animais como galinhas que podem ser usadas como porta guardanapo,

saleiro e porta palito. Por fim, panelas de cozinhas, principalmente as moquequeiras. Segundo Lindoval, é dito o seguinte:

A gente faz... O trabalho da gente é artesanato, né? A gente *trabalha* com *nega maluca*, com *mulher de areia*. Trabalho também com *timbaleira*, *baiana*. É artesanato em geral, sendo bonecas, a gente não trabalha com miniatura não, nem por volta da roça, nem com ciranda. Com essas peças a gente não trabalha. Pronto. É o que a gente faz durante o dia.

Figura 9 - Modelagem das bonecas de barro



Os temas presentes na modelagem têm como origem uma cultura midiática, como "Mulher de Areia", telenovela famosa no Brasil nos anos setenta com remake nos anos noventa, a "Timbalada" do artista global Carlinhos Brown, entre outros. Trata-se de um processo de intertextualidade, definido por Koch (2004) como diversos modos pelos quais o processo de produzir e receber um texto, o que pode ser escrito, oral ou uma peça de escultura artesanal, ser dependente do estoque de conhecimentos de outros textos por parte dos produtores e dos interlocutores, envolvendo vários tipos de relações intertextuais.

O artesanato do barro no Alto do Moura é realizado por vários grupos, cada um com suas características específicas, com modelagens diversas. A princípio, o artesanato do Alto do Moura sofreu influência direta do seu mais conhecido artesão, o Mestre Vitalino. Com a modelagem dos seus clássicos, retratou o cotidiano dos nordestinos da vida rural. Com o passar do tempo, outros artesãos começaram a utilizar-se do mesmo processo produtivo, sofrendo influências do acontecimento que era divulgado através dos meios de comunicação, registrado através de seus trabalhos. Atualmente os artesãos trabalham com uma variedade de peças, como miniaturas, bonecas, utensílios domésticos, dentre outros.

Um bocado, *baiana*. Todo tipo de (Ubiracema).

Trabalha primeiro o oleiro, depois sou eu, depois, é... meu esposo também me ajuda, aí depois meu pai queima, pra depois ir pro pintor, pra depois voltar pra mim, então são... seis etapas, pra poder finalizar o produto. Aí vou fazendo montagem de cabeça, rabo de galinha, fazendo os recortes porque no caso, a minha peça ela é porta guardanapo, saleiro e porta palito (Eleonora).

Analisando o discurso, quando Lindoval diz “pronto”, o adjetivo, refere ao dia inteiro de trabalho, que pode aludir a algo imediato, repentino, ligeiro, ágil, instantâneo, mas, para o artesão esse dia de trabalho não é tão imediato, já que são muitas horas de trabalho diárias. Para Ubiracema, “bocado”, substantivo masculino, refere a uma variedade de produtos que são produzidos por ela. Eleonora se remete a “recortes” que são feitos para lapidar seu produto, a fim de sofrer transformações até que a peça se torne o idealizado. “Recorte”, substantivo masculino que significa o efeito do ato de recortar, ou seja, cortar em pedaços o que ocorre através do ato de trabalho. Para Eleonora em seu ambiente de trabalho, o artesanato pode ser complementado ainda como um adorno ou enfeite.

4.1.3 Queima

Após a modelagem, a peça vai secar por uma média de vinte e quatro horas e irá para a queimagem em fornos artesanais (Figura 10). Ubiracema também faz a queima das peças, onde o forno suporta em média cinquenta ou mais peças em cada fornada, utilizando-se lenha e madeira para combustão (Figura 11). Em alguns lugares, usam-se restos como grade de cama, armários, entre outros, para o reaproveitamento de material.

Figura 10 - Secagem das bonecas de barro**Figura 11** - Forno para queima

A cidade de Tracunhaém localizada na Zona da Mata pernambucana, também tem como atividade econômica a produção de cerâmica artesanal. Fazem o uso da lenha para alimentação dos fornos de produção artesanal, gerando assim, um grande impacto local pela utilização da lenha como recurso energético, para queima de seus cerâmicos (IMBANA, 2012). Corroborando com a situação dos artesãos do barro do Alto do Moura, que também utilizam a lenha nos fornos artesanais, para a queima dos produtos artesanais.

A lenha é uma das biomassas e fonte de energia renovável importante para sociedade, que obteve um importante papel no desenvolvimento das atividades humanas na antiguidade, uma fonte energética utilizada para tarefas domésticas, como o cozimento de alimentos e para a indústria, destacando o papel da fabricação de cerâmicas (IMBANA, 2012).

Vale salientar que a madeira em combustão produz o monóxido de carbono (CO), que é um gás incolor, inodoro e não irritante, conhecido também como um “assassino silencioso”, podendo matar em poucos minutos. Sua exposição pode atingir o sistema nervoso central e o coração, além de ter consequências também para o sistema respiratório. Pode ocasionar cefaleia, vertigens, distúrbios visuais, alterações auditivas, entre outros, através da exposição crônica (MORAES, 2010).

Antão e Tavares (2013) realizaram um estudo sobre os riscos respiratórios na comunidade do Alto do Moura, em Caruaru/PE, onde foram realizadas oitenta e três entrevistas com artesãos e com parte da população exposta à queima do barro, onde 82% deste grupo relata algum tipo de desconforto respiratório.

Nesta pesquisa, as avaliações quantitativas evidenciaram limites acima de 50ppm de CO para áreas entorno dos ateliês do barro e até 100ppm na área de queima (ANTÃO; TAVARES, 2013). Leitão e Clara (1983) relacionaram os sintomas

de intoxicação por monóxido de carbono, com a concentração de CO no meio ambiente, para 50ppm, o indivíduo apresenta sintomas de cefaleia moderada e dispneia nos exercícios vigorosos, já a exposição a 100ppm, os sintomas são cefaleia pulsante, com dispneia em exercícios moderados. Os limites de exposição ocupacional segundo legislação brasileira - norma regulamentadora (NR) 15, em seu quadro I, é de 39ppm para exposição de 48 horas semanais.

Logo após a queima das peças, elas ficam em lugares onde vão esfriar, para então iniciar o processo de pintura.

[...] o ruim é queimar, o prejudicial todinho é só queimar (Ubiracema).

É, em situação dessa aí não é pra melhorar, é pra piorar. Vivo pedindo a Deus que ele arrume uma situação pra que me liberta dessa, porque essa não é boa não (Ubiracema).

Analisando o discurso de Ubiracema, “piorar” que é um verbo regular que significa mudar para um estado pior, este sendo um adjetivo masculino e feminino que em uma relação de comparação é superior na sua qualidade ruim, o que causa prejuízo ou dano, sendo nocivo ao ser humano. A mesma complementa o discurso com a expressão “vivo pedindo a Deus que ele arrume uma situação pra que me liberta dessa”, referindo-se ao trabalho pernicioso da queima do barro, se remetendo a um interdiscurso religioso.

Considerando as categorias ideológicas de Thompson (2002), existe uma racionalização na crença de que a atual situação de trabalho de Ubiracema é "vontade de Deus" e que ela deve "pedir a Deus" que modifique a sua vontade e que possa se "libertar" desse trabalho, identificado como escravidão e novamente encontra-se presente o interdiscurso religioso.

Em média a rotina de trabalho de Lindoval e Leonildo é em torno de mais de onze horas por dia.

Minha rotina de trabalho, eu começo a trabalhar de umas oito horas, aí paro de onze horas, onze, onze e meia vou almoçar, aí uma hora já tô no trabalho, aí de cinco horas, cinco e meia no máximo eu paro também, aí vou jantar, e de sete às onze da noite (Lindoval).

Durante o dia, a mesma coisa. Começo a trabalhar sete e meia, oito horas, às vezes seis horas, cinco e pouco. Tem horário tão certo não, termino de onze horas, dez e meia da noite (Leonildo).

Leonildo e Lindoval têm uma rotina exaustiva de trabalho. Como trabalham por conta própria têm horários flexíveis. É dito: “tem horário tão certo não” (Leonildo), mas uma rotina é estabelecida para acompanharem a demanda de encomendas.

Outra categoria ideológica presente em Thompson (2002) é a reificação, ou seja, certos fatos ou fenômenos que são de natureza social e histórica são considerados "naturais", conforme expressa Leonildo: "Tem horário certo, não". Deveria ter, mas as coisas são assim.

4.1.4 Pintura

Após a modelagem das peças de barro, espera-se que o barro seque e seja entregue a outro membro da cadeia produtiva do artesanato (Figura 12). Inicia-se então o processo de pintura, onde se utilizam tintas à base água ou óleo (Figura 13). Cada pintura irá se adaptar aos diversos tipos de artesanato, sejam *galinhas*, bonecas *baianas*, *timbaleira*, entre outros produtos. Existe uma variedade de tintas prontas, onde os artesãos criam outras cores quando são misturadas, além dos diversos tipos de estilos criados em cada boneca. A moda da época também interfere. Os pintores igualmente utilizam o que se está usando em novelas, como os adornos do momento para incrementar suas peças, com isso, inovar sempre.

Minha parte é só a pintura. Outra pessoa queima o barro, a minha é a pintura (Berenice).

É. Só faço a parte da pintura. Eu pinto e a pessoa que me paga pra pintar é quem é responsável. Paga pra fazer, para queimar, embala, o meu é só a pintura (Berenice).

Figura 12 - Peças de barro secas**Figura 13** – Pintura

Geralmente os artesãos que apenas pintam, não são os donos da peça, são pagos para fazer o serviço. Em relação à modelagem, o artesão pode ser ou não ser dono da peça. O dono da peça arca com todas as despesas referentes às tintas, pincéis e embalagens. Berenice reforça em discurso o seguinte: “minha parte é só a pintura”, pois os outros integrantes da cadeia produtiva complementam as outras atividades do processo.

A carga horária dos artesãos que “pintam” as peças também é extenuante, em média “dezoito horas por dia”, diz Berenice, condizente com os demais integrantes do processo produtivo do artesanato do barro.

Só que às vezes o cansaço, porque são muitas horas no trabalho, dezoito horas por dia, não é uma carga horária de oito horas, como é em muitos *canto*. É essa carga horária... da manhã às onze da noite (Berenice).

“Cansaço” é substantivo masculino que significa a fadiga causada por trabalho, menciona Berenice em seu discurso. Depois que a pintura é realizada, as peças ficam expostas para secar por um período em média de vinte e quatro horas, para depois ser embalada para venda.

Apesar de Berenice comparar a sua carga de horário (dezoito horas por dia) com outras cargas de horário de trabalho (oito horas por dia), como ocorre em “muitos cantos” (lugar indeterminado, mas em quantidade que não é pequena), esta afirmação também se mostra reificada: “É essa carga horária... da manhã às onze da noite”. Em outras palavras, não pode ser diferente.

4.1.5 Venda

Depois de serem abordadas atividades do preparo do barro, a modelagem e pintura, finaliza-se com a venda da produção.

Não, não é embalado, o saquinho quem faz é a pessoa, que me dá as peças. Manda as peças só *queimada*, manda a bolsa para não arranhar, que não é obrigação da loja, jornal, caixa, um monte de coisa (Berenice).

Produzo elas e vendo diretamente nas *loja* do Alto do Moura. Aí o pessoal do Alto do Moura tem as lojas que... Aí vende pra Salvador, São Paulo, pra o Rio de Janeiro, Bahia, esses cantos, que os clientes vêm buscar aqui ou aí eles transportam por transportadora (Lindoval).

E o meu foco é sempre o atacado. As pessoas vem de fora com caminhões, aí vem buscar da comunidade inteira, aí aproveitam e já levam as minhas (Eleonora).

Berenice faz a venda direta para um “patrão” único, que revende todas as suas peças aos seus clientes. Por sua vez, Lindoval produz a boneca "crua", então o encomendador da boneca ficará responsável pela queima e pintura da peça. Lindoval ainda cita que as peças quando estão nas lojas do Alto do Moura (Figura 14), vão ser revendidas para diversas partes do País, sendo essas vendas feitas diretamente ao cliente ou enviadas por transportadoras, que geralmente levam peças de diversos clientes para aproveitar o frete, como Eleonora conta.

Figura 14 - Loja de artesanato no Alto do Moura



A fonte de renda através do artesanato do barro do Alto do Moura torna-se de muita valia para os moradores desta comunidade, movimentando a economia local e

do município. A venda dos produtos do artesanato se dá de várias formas: a peça crua, pintada, apenas moldada, entre outras.

Em seu discurso, Lindoval, diz: “mas dá pra viver”, expressão utilizada para referir que consegue ter o básico com os proventos que recebe do artesanato.

Bom, não é ótimo, mas dá pra viver, *né* tão bem *né*? Porque a gente trabalha, não com peça pintada, a gente vende delas natural, quem ganha mais é quem vende elas pronta, mas dá pra viver (Lindoval).

Leonildo descreve todo o processo de “venda” da cadeia produtiva do barro, este considerado um contrato envolvendo uma pessoa e o vendedor, cujo preço e condições são estipulados, para a concretização do ato.

Para fazer a ponte entre as peças que são fabricadas até a venda nas lojas, entra a figura do atravessador, que é um indivíduo que se insere entre quem produz e aquele que vende, geralmente obtendo grandes lucros.

De acordo com o discurso de Leonildo, quem obtém os maiores lucros são os lojistas, pois geralmente colocam cem por cento do valor da compra para ser vendido. Ao contrário, aqueles que fabricam tem um custo maior, de fazer a peça, queimar, pintar e embalar.

Nois fabrica aqui, é porque aqui fabrica, veja, quem vende, já vende um pouco caro. Aí a pessoa que veio pegar aqui no Alto do Moura, ele já pegou um pouco caro, já é o atravessador. Aí pega mais caro ainda. Aí o lojista lá, tem que vender mais caro, porque ele tem que ganhar. Pronto, digamos que uma peça que a gente vende por quatro reais, tem umas que *nois* vende a quatro. Aqui a mulher vende a dezoito. Lá fora o menino vende a vinte e dois. Vem o custo todinho da peça. Ela compra desse jeito, a quatro reais. Ela paga mais três e cinquenta pra pintar, paga trinta reais do forno pra queimar, aí vem um metro de lenha que é trinta reais também, paga os metros de lenha, aí vem a tinta que tem que comprar, a bolsa, o jornal, caixa, aí tudo é um custo. Aí ela ganha, mas não ganha essas coisas não, sai por mais de dez, aí ainda recebe em cheque. Tem gente que dá pra trinta, sessenta, noventa dias, até cento e vinte dias. Aí muitas vezes tem que trocar esse cheque, aí já perde. Se uma pessoa paga uma viagem pra Natal, só a viagem é mil, aí você vai ter que pagar, dormida do motorista, comida do motorista, toda despesa sua, que você vai comer também, aí o custo... Vai vender uma peça por quanto? Tem que juntar tudo, pra vé quanto gasta e quanto dá pra vender. Às vezes a pessoa acha que é caro mas não é. Sai mais ou menos na base. Quem sai com o lucro maior é o da loja. Aí ele não vai ter despesa, porque a peça tá chegando pra ele nesse preço. Ele vai ganhar. Bota mais de cem por cento em cima, mas também ali, ele paga o imposto da loja, mas a peça de

artesanato é isenta de imposto. Ele vai pagar funcionário, vai pagar o aluguel, mas o artesanato mesmo é isento de imposto. Dizem que na Bahia e no Rio de Janeiro já vão colocar imposto, o menino *tava* dizendo aqui ontem (Leonildo).

Leonildo afirma que o artesanato se "fabrica aqui". O verbo fabricar de origem latina significa produzir a partir de matéria prima através de um processo de manufatura. Significativo é o uso do dêitico "aqui". Segundo Levinson (2007), a dêixis de lugar ou espaço está relacionada à especificação de localização aos pontos de ancoragem do acontecimento discursivo. Portanto, fica bem estabelecida à relação entre manufatura e a principal atividade produtiva do Alto do Moura.

Durante todo o discurso de Leonildo, novamente é enfatizada uma ideologia de legitimação do processo de trabalho, segundo Thompson (1995), haja vista toda uma justificativa com detalhes para o valor de custo agregado no preço da mercadoria.

No discurso de Leonildo existem três atores sociais: o artesão que vende o produto a quatro reais, o atravessador que vende a dezoito reais (sendo justificada através do custo para pintura, forno, embalagem, entre outros) e o lojista, definido como aquele cuja venda de artesanato é isenta de imposto e pode ter a peça vendida entre trinta a quarenta reais, caracterizando o maior lucro, portanto, dez vezes mais, que o valor inicial cobrado pelos artesãos, de quatro reais.

Este lojista é o proprietário da loja, e segundo Houaiss e Villar (2009), loja é um substantivo feminino que apresenta vários significados, a saber: pavimento térreo de um prédio, átrio para entrada de carruagens, local de reunião do franco-maçons e em um sentido comercial, estabelecimento de venda de miudezas ou secos e molhados. Daí veio locuções como loja de departamento, de conveniência, entre outras.

Por sua vez, Berenice reafirma o que Leonildo fala em seu discurso, o lojista tem um lucro muito maior nas peças de artesanato do que aquele que fabrica. É o caso da artesã, que faz a parte da pintura.

Meu trabalho, deixa eu ver, depende do tamanho. Essa aqui é quatro reais pra pintar. Pra vender na loja para o turista sai a vinte e cinco reais (Berenice).

Berenice relata que a peça é vendida nas lojas do Alto do Moura por vinte e cinco reais aos turistas. Ainda no estado de Pernambuco, em Porto de Galinhas, que fica situada no município de Ipojuca, distante 70 km da capital do estado – Recife, uma peça semelhante é vendida por sessenta reais, quinze vezes o valor inicial cobrado pelo artesão, de quatro reais (Figura 15).

Figura 15 - Boneca de barro em loja de Porto de Galinhas/PE



Eleonora também reitera o pequeno lucro obtido através das peças.

Ele fica de três reais o custo e eu vendo a mercadoria por quatro reais. No caso, um real de lucro, *né?* Em cada peça, eu produzo em torno de quarenta peças por noite. Eu e meu esposo, porque nós trabalhamos juntos. Aí, assim, quando também dá, porque eu, por conta de trabalho ou de prova (nota da autora - a artesã é estudante universitária), eu não produzo. Quando eu não estudava, eu produzia na faixa de cem peças por dia (Eleonora).

“Custo” é um substantivo masculino que faz menção ao gasto durante o processo de produção da peça do barro. Por sua vez, existem exceções na divisão de trabalho, havendo artesãos que participam de toda cadeia produtiva. Sobre isso, Ubiracema relata:

Eu que faço e vendo (Ubiracema).

De acordo com a descrição da cadeia produtiva dos artesãos do barro do Alto do Moura, existe certa influência do método *taylorista-fordista* por conta de uma

divisão do trabalho em série. Diferentemente dos atuais vínculos trabalhistas no mundo operário, se sobressaem condições precárias de trabalho, vínculos empregatícios frágeis, haja vista que em sua maioria são autônomos, sem formalização, levando-os ao excesso de carga horária, aos baixos salários, além de estarem expostos a riscos e doenças relacionadas no ambiente de trabalho.

Quando Karl Marx utiliza o termo *mais-valia*, refere-se a uma parte do salário que é subtraída do rendimento do trabalhador engendrando o lucro e o acúmulo do capital. Este processo não é percebido pelo trabalhador, quando são dirigidas estratégias ideológicas que estimulam uma percepção alienada da realidade social (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2003). No caso dos artesãos do barro, é evidente para os mesmos, através da experiência do cotidiano, de que eles vendem as peças para os atravessadores ou para as lojas por um preço em torno de quatro reais e que estas lojas vendem as peças por vinte e cinco. Portanto, existe na maior parte dos fragmentos discursivos dos artesãos estudados nesta dissertação uma consciência da exploração do preço, entretanto inexistente um sentimento de força política que os faça sentir que podem modificar esta relação de mercado de trabalho.

4.2 Discurso sobre a capacitação de trabalho do artesanato do barro

Quadro 4 Temas sobre a forma de aprendizado para o trabalho como artesãos do barro no Alto do Moura.

Formas de Aprendizado
- De pai para filho
- Do irmão
- Da madrinha
- Do ex-patrão
- Outros adultos

A forma de aprendizado do trabalho com artesão do barro mostra predominante familiar no discurso dos sujeitos entrevistados. Inicialmente o artesanato do barro teve como percussor o Mestre Vitalino (1909-1963) que

desempenhava suas atividades no Alto do Moura. Com o prestígio nacional e internacional do artista, desde a década de 40 do século XX, os moradores decidiram igualmente fazer artesanato como meio lucrativo, tornando-se a principal atividade produtiva e econômica desse território. Esta formação de novos artesãos foi ocorrendo através do ensino de “pai para filho”, tendo as oficinas uma característica principalmente familiar.

Nenhum curso, isso já vem de pai *pa* filho. Aí já é... De criança já começou a trabalhar e *num*... Até hoje, nunca trabalhei em *outo* serviço, só no artesanato. É só, é só nisso que a gente trabalha *mermo* (Lindoval).

O discurso de Lindoval enfatiza, portanto, que o aprendizado do artesanato no barro é um ensino familiar, como ele expressa: “isso já vem de pai *pa* filho”. Pela influência dos pais, que são modelos de referência para a formação dos valores e hábitos dos filhos desde a infância, estes aprendem a desempenhar estas funções desde cedo e estas funções ocupam o dia-a-dia do grupo familiar. É dito: “De criança já começou a trabalhar”. Importante ressaltar que este aprendizado é recíproco, pois o trabalho pode ir se aprimorando cada vez mais, com o passar das gerações.

Lindoval ao afirmar: “é só nisso que a gente trabalha”, utiliza o advérbio “só”, no sentido de “somente” e representando algo que “não é muito” e a contração “nisso”, envolvendo a preposição “em” e o pronome “isso”. Destaca-se que este pronome sendo neutro, pode significar algo que não tenha muita importância, deixando transparecer uma mensagem implícita de que esses sujeitos trabalham apenas em uma atividade que não é muito importante.

Por sua vez, a ideia de capacitação familiar do artesão está presente em outro fragmento de discurso:

O artesanato no barro é difícil de aprender, porque a temperatura do corpo da gente como é quente, você pega um bolo de barro, ou um pedaço de barro, e na mão ele esquenta, resseca, aí fica difícil de aprender. Aí geralmente é mais de quem vem de pai pra filho, que tá acostumado a trabalhar com artesanato (Leonildo).

Leonildo corrobora o discurso de Lindoval, afirmando que o artesanato geralmente é passado de “pai para filho”. Entretanto valoriza mais este trabalho, considerado difícil, assim como o aprendizado, haja vista que a temperatura corporal

dos seres humanos dificulta o trabalho com o barro, que nas mãos de um sujeito com pouca experiência, o “bolo de barro” - bola de massa de barro, que precisa ser moldada para adquirir a forma necessária- pode ressecar.

Outra forma de aprendizado foi com dois sujeitos: um irmão e um ex-patrão, conforme presente neste outro fragmento:

Com meu irmão e meu ex-patrão. Meu irmão foi o primeiro da família a aprender. Ele já é bem mais velho que eu (Miguel).

A menção de transmissão familiar estende-se a outros membros da família, como o próprio irmão de Miguel, que lhe ensinou a desempenhar suas atividades como artesão, assim como houve a influência de outrem, o ex-patrão. Importante frisar, que o irmão tem o status de ser “bem mais velho” do Miguel, fato que de certa forma lhe dá um prestígio de substituto da figura do pai.

Outro agente de ensino foi à madrinha, que igualmente apresenta a função de substituta da figura materna, haja vista ser a “segunda mãe”. É dito:

Eu comecei com minha madrinha, né? Realmente na parte de moldar o barro, eu comecei aos doze anos, trabalhando com pintura, aí passei na fase de pintura até eu acho uns quinze, dezesseis anos, aí foi quando eu comecei a fazer bonecas. Aí vendi por um tempo. Como caiu a demanda de pedidos, eu fui e mudei de mercadoria. Minha mãe, meu pai, só produzem galinhas, só que as deles são pequenas, as minhas são maiores. Aí eu já peguei mais ou menos o formato da galinha deles e fiz a minha. A minha sendo maior e sendo como utensílio doméstico. O deles só é de aspectos decorativo (Eleonora).

Eleonora iniciou o aprendizado com esta madrinha, conforme já referido. Trata-se, também, de uma influência familiar, além do papel de substituta materna é considerada mulher protetora, testemunha em batizados, crisma e casamentos, entre outros papéis de ajuda ao grupo da família.

Inicialmente, era ajudante, pintando as peças com doze anos de idade. Aos dezesseis passou a produzir as peças, sozinha. Em função de um problema econômico decorrente da diminuição da demanda dos produtos, Eleonora mudou o tipo de trabalho artesanal, deixando de produzir “bonecas”. Baseando-se no modelo de “galinhas” decorativas, o produto dos pais, passou a produzir “galinhas” de maior tamanho com a função de ser utensílio doméstico, ou seja, servir para guardar sal, palitos, guardanapos, tendo uma função mais prática do que estética.

Por fim, outra artesã relata o aprendizado:

Sozinha. Desde criança que sempre gostei de trabalhar com coisa de artesanato. Há sete anos eu trabalho aqui (Berenice).

A palavra “sozinha” é um adjetivo que significa a qualidade de estar isolado dos outros sujeitos. Além disso, Berenice afirma que há sete anos trabalha “aqui”, um dêitico de lugar que remete ao quintal da sua casa. Reticente quanto ao aprendizado, há de se supor que aprendeu “observando” outros sujeitos exercerem a mesma atividade artesanal. Tenta, portanto, defender a ideologia de que “artesanato é um dom”, uma habilidade natural desenvolvida desde a infância, uma aptidão especial para o trabalho como artesã do barro. Entretanto, esta atividade para ser aprendida, por mais talento que se tenha, precisa de uma interação social prévia.

4.3 Discurso sobre saúde e doença

Quadro 5 Temas sobre o conceito de saúde e de doença entre os artesãos do barro no Alto do Moura.

Saúde	Doença
- Sensação de bem estar	- Problema ambiental - Uma coisa ruim
- Boa qualidade de vida - Atitude de prevenção - O mais importante na vida	- Sensação de mal estar - Problemas no organismo - Contaminar-se

Considerando os aspectos ideológicos em Thompson (2002), considerando uma perspectiva positiva, na qual existe uma visão de mundo denominada de *Weltschauung*, esta visão encontra-se expressa nas respectivas formações discursivas. A primeira delas, iniciando com o conceito de saúde, os artesãos respondem a experiência cenestésica, ou seja, a “sensação de bem estar”:

Saúde é tá bem, né? (Leonildo)

Leonildo associa saúde com um estado onde se inscreve o sintagma adverbial “bem”, apresentando-se como um conceito genérico que não é especificado, deixando em aberto algumas dúvidas. Trata-se de uma experiência no corpo, na alma ou no espírito? O uso do verbo estar na forma “*tá*” denota o uso coloquial da língua e o marcador discursivo “*né*”, caracteriza-se como uma necessidade de confirmação do enunciador em relação ao enunciatário da adequação da resposta.

Por sua vez, Eleonora diz o seguinte:

Saúde é você *está* com seu organismo... bem, não só seu organismo, né? É também você ter bem estar (Eleonora)

De modo mais específico, Eleonora considera importante esse “estar bem”, entretanto aponta um discurso mais amplo. Em primeiro, considera que saúde é o “organismo” estar bem. “Organismo” é um substantivo masculino que representa o corpo orgânico e autônomo formado pela integração dos órgãos e funcionando de modo normal. Todavia, esse “estar bem”, para Eleonora, não significa apenas este corpo orgânico, mas também “você”, ou seja, o “outro” estar bem, valorizando aspectos da subjetividade.

Outro tema presente no discurso dos artesãos é associar saúde a “boa qualidade de vida”. Nesse sentido, Ubiracema considera o seguinte:

Ter saúde é ter uma vida boa, né?

Nesta resposta, o sujeito considera a saúde como um bem, haja vista o sentido metafórico de posse: “ter saúde” e que este bem encontra-se associado com outro bem: “ter uma vida boa”. O adjetivo feminino “boa” acompanha um substantivo “vida” exprimindo as suas qualidades e características, o que pode ser associado a uma melhor qualidade de vida.

Além desse tema, encontra-se atitude de prevenção. Berenice considera o seguinte:

Ter saúde é a pessoa prevenir antes de acontecer a coisa (Berenice)

Segundo Houaiss e Villar (2009), prevenção é um substantivo feminino que se relaciona com a ação ou resultado de preparação antecipada, cuja etimologia vem do latim “*praeventire*” e que igualmente significa “ação de prevenir advertindo”.

Destaca-se que esta prevenção tem como finalidade não “acontecer a coisa”, segundo Berenice. Ainda para Houaiss e Villar (2009), o substantivo feminino coisa significa tudo quanto existe ou possa existir, de natureza corpórea ou incorpórea. Entretanto, no sentido denotado pelo entrevistado, caracterizado como uma “coisa”, a doença não tem um nome e segundo o pensamento mágico de algumas comunidades humanas, falar o nome doença pode implicar a possibilidade dela acontecer.

Dalgalarrondo (2008) coloca como inerente à normalidade cultural que um sujeito quando menciona o nome de uma determinada doença, apresente rituais como bater três vezes na madeira para neutralizar o poder daquela palavra.

Por fim, segundo Miguel, saúde é o que há de “mais importante na vida”, conforme se interpreta no respectivo discurso:

Tendo saúde é tudo (Miguel)

Este discurso novamente associa saúde com um bem: “ter saúde”, mas considera que a tendo isso “é tudo”. O uso pronome indefinido “tudo”, significando a totalidade das pessoas e das coisas, aproxima-se do conceito de integralidade, tão importante para a Saúde Pública.

De acordo com estudiosos como Nunes (1995), saúde vem do latim *saluus* e significa são, coisa inteira, soldada, ou seja, integralidade.

Em se tratando do conceito de doença, destacam-se as formações discursivas “problema ambiental” e “uma coisa ruim”. Este sentido de “problema ambiental” encontra expressão no discurso de uma artesã:

E doença? Você passar algum problema para o seu organismo
(Eleonora)

De início são feitos dois comentários. O emprego do verbo “passar” em “passar algum problema” parece estar relacionado com uma percepção miasmática da doença.

Por sua vez, *miasma* é um substantivo masculino cuja etimologia grega (“*miásmatos*”) significa mácula ou nódoa. Entretanto, existe uma interpretação de que tem uma origem latina e significa “maus ares”. Os romanos incorporaram este conceito que surgiu a partir do livro de Hipócrates “Ares, águas, lugares” (V a.C.) no qual existe uma discussão em torno dos fatores ambientais relacionados com a doença, surgindo este conceito de *miasma* como sendo “emanações” provenientes de regiões insalubres. Estas emanações são capazes de provocar doenças no organismo. Trata-se de um conceito de doença que persistiu oficialmente até o século XIX, quando surgiu o conceito de micróbio (SCLIAR, 2007).

Observa-se ainda que Eleonora afirma “algum problema no organismo”, no qual o pronome “algum” remete ao sentido de alguma coisa indefinida. Esta indefinição pode ser estendida ao substantivo masculino “problema” que igualmente pode significar dúvida, incerteza ou dificuldade, e assim como o conceito doença que é considerada por muitos, igualmente uma incógnita.

Esta percepção dos maus ares está presente em outro discurso conforme se registra:

Doença muitas vezes, por conta da poluição do ar, *num* é? *Né* verdade? É muitas vezes, as *comida* de hoje em dia *tá* trazendo muita doença, que não é como antigamente, né? Que é usado muito tóxico, muita coisa, muito remédio nas *comida*, porque *tá* causando muita doença (Ubiracema).

Além da “poluição” ambiental, Ubiracema fala da poluição alimentar, através do qual surgem contemporaneamente doenças relacionadas com a mesma. A causa desta poluição alimentar encontra-se na presença de “tóxicos” e de “remédios” na comida. O termo “tóxico” possui uma origem grega (“*toxikón*” ou “*phármakon*”) ou latina (“*toxicum*”) e significa, ao mesmo tempo, o veneno na ponta das flechas como remédio. Pode-se concluir que nesses conceitos sobre a determinação ambiental da doença, nos dois enunciados não houve menção à categoria trabalho.

No segundo caso, o tema “uma coisa ruim” o artesão responde o seguinte:

Não é muito bom não, né? a doença (Lindoval).

Neste enunciado, observam-se três sequências de afirmação. Inicialmente, no caso da doença é percebido como algo (uma coisa indefinida) que “não é muito bom”!, ou seja, um modo polido de afirmar através do uso negativo do adjetivo

“muito” (relativo ao sentido de grandeza) em relação a outro adjetivo “bom”, que remete ao sentido de qualidades positivas. Enfim, trata-se de algo ruim. Posteriormente, existe um reforço desta idéia através de novo emprego da partícula negativa “não” e do marcador conversacional, “né?”, através do qual o locutor solicita confirmação do seu enunciado diante do locutário, no caso o entrevistador. Finalmente, este nome indefinido é colocado em evidência: “a doença”.

Em outra entrevista, um artesão responde o seguinte:

Ave Maria, doença é um cálculo na vida do ser humano, é ruim demais (Miguel).

Considera-se o emprego da variação linguística “cálculo” no lugar do provérbio “calo” na vida do ser humano. Entende-se por variação linguística, as mudanças do sistema linguístico de uma dada comunidade de fala, esses padrões habituais de língua, definem características dos grupos de uma comunidade de fala, inseridos nos diversos estratos sociais (BAGNO, 2002).

Este provérbio “isso, esse ou essa é um calo na vida de fulano”, assim como outros provérbios, para Azevedo e Fernandes (2009) são expressões cristalizadas e conhecidas pelo uso linguístico. Sua origem vem da sabedoria popular e apresenta grande penetração social. Trata-se de um movimento de reiterar o já-dito, caracterizando-se de modo intertextual no presente caso, de uma adesão a uma idéia já consagrada.

Portanto, sendo o “calo” um substantivo masculino que remete ao sentido estrito de endurecimento acidental de pele causado pelo atrito continuado, sendo doloroso e persistente, isso permite em sentido metafórico compreender que a doença é uma coisa ruim porque surge, nesta imagem, de problemas que vão se “atritando” no dia a dia, até que em determinado momento surge outro problema que se torna durador e propiciador de mais sofrimento, no caso a doença.

Em se tratando do outro tema, “contaminar-se”, considera-se a doença como sendo algo exógeno. Segundo este artesão:

Doença é quando pega um resfriado ou alguma virose (Leonildo).

Existe o emprego do verbo “pegar” como sendo um regionalismo relacionado com o verbo contaminar, em primeiro lugar com o termo do senso comum resfriado e

em segundo lugar com um termo mais “científico”, virose, que pela disseminação tornou-se senso comum.

Por final, retoma-se a concepção cenestésica de sentir-se mal:

A pessoa sente mal com alguma coisa (Berenice).

O termo “mal” pode ser empregado no sentido de “doença” quando se aborda o “mal asmático”, “mal epilético”, entre outros, ou ser exclusivamente um substantivo masculino que se opõem ao conceito de bem, sendo o que prejudica, fere ou incomoda, segundo Houaiss e Villar (2009).

Pensando em termos da etnometodologia, Coulon (1995) escreve que os sujeitos no seu dia não se utilizam de explicações teóricas para definirem as suas respectivas experiências de vida no mundo social. Esses chamados atores do senso comum produzem uma linguagem “racional” sobre o mundo e as suas experiências utilizando uma lógica pertinente a este cotidiano que não é a lógica do mundo acadêmico. Portanto, não é estabelecida uma relação conceitual direta entre saúde e trabalho, mas é elaborada uma descrição, ao longo de outros trechos da dissertação, de que esta prática de trabalho propicia problemas para a saúde: dor na coluna, resfriado, alergia, contaminação, entre outros.

4.4 Discurso dos artesãos do barro sobre a relação entre experiência de trabalho e saúde.

Quadro 6 Temas sobre a relação entre experiência de trabalho e saúde.

Não prejudica
Não há prejuízo para a saúde porque não pega peso
Não há interferência em nada
Não prejudica porque é um trabalho isolado
Nunca se pegou uma doença do barro
Prejudica
Afetar por ser trabalho repetitivo, a postura pode ser inadequada, afetar a acuidade visual e pó do barro afetar a respiração.

As atividades dos oleiros do Alto do Moura não obtiveram um avanço tecnológico moderno, utilizando-se ainda da roda giratória de madeira para fazer a

modelagem, da queima do barro de forma tradicional em fornos de tijolo ou de barro, utilizando a madeira para combustão.

Para o primeiro grupo, Lindoval comenta o seguinte:

Porque *num* trabalha, *num* se esforça com peso, nem *cum* prejudique a saúde porque é o dia sentado. A gente só tem que tirar um tempo num dia *pa* fazer uma caminhada, fazer um exercício físico, só isso, mas piorar a saúde não (Lindoval).

Neste discurso existe uma associação semântica de trabalho como sendo uma coisa de “peso”. Pelo fato da atividade não demandar esforço físico, então esta própria atividade não é considerada “trabalho”. Para acrescentar este sentido, é dito que esta atividade ocorre com o sujeito sentado todo o dia, havendo oportunidade para caminhadas ou exercícios físicos.

Portanto, sem esforço muscular, a atividade não é considerada trabalho e não sendo trabalho, inexistem problemas de saúde relacionados com o mesmo. Isso implica não considerar riscos físicos, químicos, biológicos, ergonômicos e de acidente.

Dessa forma, não se percebe que se por sobre um assento, entre dez a quatorze horas por dia, existem riscos envolvendo a saúde deste trabalhador.

Em outra fala, Leonildo comenta sobre a relação entre o trabalho e a saúde desses trabalhadores:

Não interfere em nada. Em nada, nem pra melhorar nem pra piorar (Leonildo).

Continua em outro discurso, o tema sobre a inexistência de uma relação de trabalho como artesão do barro e as condições de saúde. Berenice responde que também não existe relação, afirmando o seguinte:

Não, *que* é trabalho isolado (Berenice).

“Isolado” é um adjetivo que expressa uma separação de alguém ou de alguma coisa do mundo que o rodeia. Nesse sentido, pode se pensar que o mundo do trabalho na concepção de Berenice encontra-se fora de casa e não integrados com outros elementos da vida social. Dessa forma, estar em casa, sem vínculos com

esses outros elementos que formam o mundo do trabalho, pelo menos na percepção de Berenice, não torna o seu trabalho um trabalho.

Em outro discurso, é dito o seguinte:

Até hoje sobre o barro, eu nunca peguei nenhuma doença, até hoje Graças a Deus! Eu comecei a trabalhar no barro com uns doze anos de idade, trabalhar com barro. Tô com trinte e quatro, até hoje nunca peguei nenhuma doença do barro não, quer dizer, que hoje, nunca peguei de jeito nenhum (Miguel).

No discurso de Miguel existe uma associação entre doença e contaminação, o que se entende através da expressão “pegar uma doença”. Na linguagem do senso comum, pega-se uma gripe, uma pneumonia, uma bronquite, geralmente doenças agudas e infecciosas. Dessa forma, não existem contágios ameaçadores e nem críticas sobre o processo de produção no trabalho. Miguel também expressa, um interdiscurso religioso, “Graças a Deus”.

Na perspectiva dos modos operantes da ideologia, na perspectiva de Thompson (1995), novamente se observa um processo de racionalização fundamentada em formas simbólicas do senso comum, haja vista que este processo de trabalho não propicia adoecimento porque “não se pega peso” ou “nunca se sentiu nada”, o que está associado com a concepção de que na ausência de sintomas não há doença, o que pode não ser verdade.

Em termos do grupo minoritário que observa as relações entre o artesanato do barro e as condições de saúde, Eleonora destaca os movimentos repetitivos, a postura inadequada, as dificuldades na acuidade visual, e até a poeira que levaria a problemas respiratórios. Ela diz o seguinte:

Eu creio assim, que [...] a parte mental serve até como uma terapia, é porque você não tá parado, tá trabalhando com sua mente. Agora em aspectos ergonômicos, físicos, eu acho acaba afetando, porque nós temos um trabalho muito repetitivo, e posturas que às vezes não temos conhecimento do que realmente devemos fazer. No meu caso não, porque eu tenho um conhecimento um pouquinho mais aprofundado. Tem pessoas que se sentem mais prejudicadas e a acuidade visual que acaba sendo afetada. Vem o pó do barro que às vezes acaba prejudicando nossa respiração. Então acaba afetando nossa saúde (Eleonora).

Esta artesã é estudante universitária em Caruaru. Ela refere que gosta da atividade de artesanato e esta atividade é um recurso que vai permitir que ela conclua o

seu curso superior. Além de um curso superior em um campus da Universidade Federal de Pernambuco, ela acompanha o curso de Segurança no Trabalho do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, o que lhe permite adquirir uma visão técnica da relação entre o artesanato e os problemas de saúde, expressa através da afirmação de existirem “aspectos ergonômicos” na atividade. Apesar do aspecto positivo, enquanto “terapia” (outro aspecto técnico), existe o foco em uma “repetição” e assunção de posturas que comprometem a saúde física. Além disso, são apontados problemas com o aparelho visual e aparelho respiratório.

Em outro discurso crítico, Ubiracema ao ser indagada sobre o impacto da sua atividade profissional nas condições de saúde, responde o seguinte:

É, em situação dessa aí não é pra melhorar, é pra piorar. Vivo pedindo a Deus que Ele arrume uma situação pra que me liberte dessa, porque essa não é boa não. Não, fazer não. O ruim é queimar, o prejudicial todinho é só queimar (Ubiracema).

Neste discurso da artesã a confecção da boneca de barro não é uma atividade “ruim”, ou seja, prejudicial à saúde, entretanto, a “queima” é que se mostra perniciosa. O fogo e a fumaça parecem atingir diretamente os olhos e o sistema respiratório desses trabalhadores, através da fuligem e da fumaça.

A relação adoecimento e trabalho vêm sendo descrita pela literatura desde antes de Cristo Hipócrates (460 - 370 a.C), que descreveu o quadro de intoxicação saturnina, ou seja, pelo chumbo em um mineiro. Por sua vez, Plínio (23-79 d.C.) aborda a exposição de trabalhadores ao chumbo, mercúrio e poeiras e fez a indicação dos primeiros equipamentos de proteção no trabalho, a fim de prevenir danos aos mineiros (MORAES, 2010).

Bernardino Ramazzini (2000 [1700], p. 49) faz a relação do adoecimento do trabalho com o desempenho de atividades laborais, ainda descreve um pouco mais sobre a doença dos oleiros:

Como são de várias categorias, os operários das oficinas de olaria, uns ocupados em resolver brasas com as mãos e os pés, outros em dar forma às vasilhas colocadas junto à roda giratória, nem todos os oleiros estão sujeitos às afecções enumeradas; prevenimos, pois, que, somente por ouvir o nome “oleiro”, não se deve recorrer aos remédios indicados para corrigir os males contraídos do contato da matéria mineral, porém todos os que manipulem continuamente

terra molhada e permaneçam em lugares úmidos serão, na sua maioria, bastante pálidos, caquéticos e quase sempre enfermiços. Os que dão forma aos vasos sentados ao lado da roda para acioná-la com os pés, sentem debilidade na vista, sofrem vertigens e, por cansar demasiadamente os pés, não é estranho que padeçam de ciática; serão atendidos com remédios que comumente se prescrevem para essas espécies de artefatos que, se não conseguem deter o mal, pelo menos o mitigam.

Com o advento da revolução industrial, há prevalência de inúmeros acidente e doenças relacionada ao trabalho, iniciada na Europa entre 1760 e 1850, na América Latina a industrialização começou mais tardiamente, fortemente em meados do século XX, havendo neste período inicialmente a preocupação com os acidentes (MORAES, 2010).

No Brasil, houve uma evolução com base na legislação para assegurar a saúde e segurança dos trabalhadores, sejam formalizados ou não, uma delas foi à criação da Consolidação das Leis do Trabalho e as Normas Regulamentadoras, que atualmente são 36, assim como, a integração dos Ministérios da Saúde, Previdência Social e Trabalho em Emprego, fazendo uma abordagem intersetorial, a fim de assegurar o trabalhador melhores condições de trabalho.

Vimos como o próprio Ramazzini descreve em sua citação, que as atividades dos oleiros do Alto do Moura não tiveram um avanço tecnológico, utilizando-se ainda da roda giratória para fazer a modelagem, utilizando ainda a queima do barro de forma antiga, em fornos de barro, utilizando a madeira para combustão em seus fornos, como a própria Ubiracema descreve em seu discurso, “O ruim é queimar, o prejudicial todinho é só queimar”.

É, em situação dessa aí não é pra melhorar, é pra piorar, vivo pedindo a Deus que ele arrume uma situação pra que me liberta dessa, porque essa não é boa não.
Não, fazer não. O ruim é queimar, o prejudicial todinho é só queimar (Ubiracema).

Para outros artesãos como Lindoval, Leonildo, Berenice e Miguel, o trabalho não leva ao processo de adoecimento.

Porque *num* trabalha, *num* se esforça com peso, nem *cum* prejudique a saúde porque é o dia sentado. A gente só tem que tirar um tempo num dia *pa* fazer uma caminhada, fazer um exercício físico, só isso, mas piorar a saúde não (Lindoval).

Como o próprio Lindoval coloca: “Porque *num* trabalha, *num* se esforça com peso, nem *cum* prejudique a saúde porque é o dia sentado”, o mesmo não consegue associar que o adoecimento do trabalho pode advir de riscos físicos, químicos, biológicos, ergonômicos e de acidente. Como se pôr sobre um assento, não levasse a inúmeros danos para o corpo do trabalhador.

O discurso de Leonildo leva-nos a crer que o trabalho, não tem consequências positivas e negativas para saúde do trabalhador.

Não interfere em nada. Em nada, nem pra melhorar nem pra piorar (Leonildo).

Berenice refere-se a “isolado”, considerado um adjetivo que separa tudo que o rodeia, que talvez por não existir dinâmica no processo de trabalho, não há interferências na saúde.

Não, *que* é trabalho isolado (Berenice).

O “pegar doença” de Miguel, remete:

Até hoje sobre o barro eu nunca peguei nenhuma doença, até hoje Graças a Deus! Eu comecei a trabalhar no barro com uns doze anos de idade, trabalhar com barro, tô com 34, até hoje nunca peguei nenhuma doença, do barro não, quer dizer, que hoje, nunca peguei de jeito nenhum (Miguel).

Corroborar com a descrição do próprio Ramazzini, fazendo referência aos aspectos ergonômicos, que Eleonora coloca como movimentos repetitivos, postura inadequada, dificuldades na acuidade visual, e até a poeira que levaria a problemas respiratórios, mas cita que: “no meu caso não”, fazendo menção que o trabalho não interfere em sua saúde, onde diz: “porque eu tenho um conhecimento um pouquinho mais aprofundado”.

Eu creio assim, que..., a parte mental serve até como uma terapia, é porque você não tá parado, tá trabalhando com sua mente, agora em aspectos ergonômicos, físicos eu acho acaba afetando, porque nós temos um trabalho muito repetitivo, e posturas que às vezes não temos conhecimento do que realmente devemos fazer, no meu caso não, porque eu tenho um conhecimento um pouquinho mais aprofundado, tem pessoas que se sente mais prejudicadas e vem acuidade visual, que acaba sendo afetada, vem o pó do barro que às

vezes, acaba prejudicando nossa respiração, então acaba afetando nossa saúde (Eleonora).

4.5 Discurso sobre a relação entre ambiente de trabalho e saúde.

Os artesãos do barro em sua grande maioria trabalham em suas próprias casas, sendo este seu ateliê para o artesanato, onde muitas vezes, criam, moldam, queimam o barro e vendem seus produtos.

No discurso dos artesãos existem dois grandes grupos temáticos: há impactos na saúde e não há impactos na saúde, conforme se observa nos seguintes subtemas, sobre o tópico relação ambiente de trabalho e saúde.

Quadro 7 Temas sobre a relação entre ambiente de trabalho e saúde no discurso dos artesãos do barro.

TEMAS
EXISTEM IMPACTOS AMBIENTAIS NA SAÚDE
1º Precisa limpar por conta da poeira que dá alergia e virose
2º Interfere na coluna
3º Somente se faz limpeza nos finais de semana
NÃO EXISTEM IMPACTOS AMBIENTAIS NA SAÚDE
1º É higiênico porque não se trabalha com comida
2ºA Trabalhar com barro é higiênico
2ºB A água é trocada regularmente
2ºC Trabalha somente com tinta
2ºD O trabalho ocorre em casa
2ºE Não há estresse porque não há patrão

Os temas que se mostram mais frequentes, são os seguintes: “existem impactos ambientais na saúde” e “não existem impactos ambientais na saúde”.

Em se tratando do discurso sobre a existência de impactos ambientais na saúde surge o tema “precisa limpar por conta da poeira que dá alergia e virose” conforme se observa no seguinte enunciado:

[...] só limpa por conta da poeira, por aqui é rua que *num* é calçada, aí solta muita *pueira*, é só isso. Aí sujeira *num* tem, só assim o básico é que a gente tira a *pueira*, só *pueira* [...] (Lindoal)

No discurso é enfatizado que “só limpa por conta da poeira”, ou seja, o advérbio “só” modifica o verbo “limpar” denotando uma exclusividade do motivo da ação: poeira. Além disso, essas partículas de terra não fazem parte apenas do trabalho do artesanato do barro, mas também tem origem nos calçamentos sem pavimentação. Continuando nesta temática, assim aborda Leonildo:

Essa peça, se você entrar lá, você vai ver, aparenta ser nojento. É barro, é muita poeira. Lá é uma poeira que tem que trabalhar com máscara, muita poeira, muita poeira, muita poeira mesmo (Leonildo).

A poeira está associada ao sentido de “nojento”, ou seja, um adjetivo relacionado com o que enjoa, ou seja, causa repugnância. Seja a forma do barro molhado que pode ser associado a materiais pútridos, ou o próprio barro seco, mais uma vez vinculado ao problema da poeira. Para isso, é dito que “tem que trabalhar com máscara”, ou seja, o uso do verbo “ter” no sentido de “ser necessário” e o pronome relativo “que” empregado em relação ao “uso de máscaras”. Esta percepção de prevenção de agravos respiratórios ocupacionais ocorre de modo como “se deveria fazer”, mas não no modo de “como se faz”.

Em outro fragmento de discurso é enunciado o seguinte:

[...] todos os dias eu faço uma limpeza no lugar, mas só que, porque no caso, se [...] nós deixarmos muito tempo, vai acumulando os resíduos do barro. Aí quando ele fica seco, quando nós moldamos ele, ele é todo molhadinho, não tem pó, depois que ele seca, fica aquela poeirinha e por mim já ser alérgica, acaba me afetando (Eleonora)

A “problemática” da poeira não está relacionada à fase quando o barro está molhado, sendo possível a moldagem, substantivo feminino de um processo de manipulação da matéria prima, no caso a argila, para a qual é adicionado um líquido aglomerante, no caso a água, permitindo a construção da forma. A “problemática” está relacionada com o barro seco, cuja “poeirinha” – um diminutivo de poeira pode indicar algo pequeno, mas capaz de provocar grandes problemas – que pode afetar o artesão que apresenta alergia.

Continuando, Eleonora acrescenta:

[...] você está no ambiente limpo, no quarto, mas aí, a poeira acaba sendo transmitida para a casa inteira, aí sempre você tira de um lugar e acaba lhe afetando de toda maneira. Se tivesse um lugar,

onde eu trabalhasse só com barro, podia ser que não me afetasse tanto, principalmente à noite, onde eu me sinto com mais problemas para dormir, com problemas respiratórios. Aí, às vezes, eu não sei se é a poeira, que às vezes, tem que parar, durante a noite, limpar a casa todinha, passar pano, se não, eu não consigo dormir, o maior problema é a poeira.

Ao ser colocado o dêitico de lugar, “no quarto”, Eleonora expressa que os resíduos de pó encontram-se espalhados pela “casa inteira”, adjetivo este que implica haver uma mistura entre ambiente de trabalho, familiar e de repouso, sendo necessário haver um ambiente “próprio”, onde trabalhasse “apenas” - outro advérbio de exclusividade – o “barro”, sentido elíptico de molhado para o qual não há a produção dessa poeira. Este pó, no discurso, tem uma responsabilidade fundamental nos problemas respiratórios da enunciadora.

Em outro discurso, a aludida poeira não se encontra associada exclusivamente com alergias e problemas respiratórios, mas também com algum tipo de gripe, conforme é dito:

Às vezes em uma fica *cum* gripe. É raro, é muito raro, só isso. Não dá mais nada na saúde da gente. *Num* interfere em nada. Só quando vem gripe, alguma virose, por conta de *pueira*, mas acho que isso é normal (Lindoval).

O emprego da locução adverbial “às vezes” implica o sentido de que existe uma frequência moderada para a ocorrência de gripes, um tipo de doença infecciosa aguda que afeta aves e mamíferos. Entretanto, existe uma percepção causal de que em “alguma” virose (um uso metonímico para gripe), um adjetivo de indeterminação desta virose, há a participação da “poeira”. Durante, a conclusão Lindoval considera este processo “normal”, o que implica na “despatologização” do processo e portanto, minimizar os efeitos patogênicos da respectiva “poeira” para a saúde dos artesãos.

Posteriormente, surge outro tema, apontando para os impactos posturais da atividade de artesanato, definidos como algo que “interfere” na coluna. Sobre isso, discorrem dois artesãos:

Interfere assim na coluna, problema coluna, porque é o dia todo sentado, o dia inteiro sentado (Ubiracema).

Ubiracema destaca permanecer sentada “todo o dia”, e este advérbio de tempo denota um exagero que propicia esse tipo de problema. Em seguida, outro artesão relata:

Eu acho só nas posições que eu trabalho, interfere um pouco, na coluna. Canso sim, e tenho dor muscular. Só tomo medicação quando tô com dor muscular. As posições que eu trabalho de lado causam essa dor muscular (Miguel).

Além disso, existe ênfase no sentido da relação com “posições” corporais que interferem na coluna. Destaca-se outro advérbio, o de intensidade “pouco”, atenuando esse impacto, resumidas a certas posições como trabalhar “de lado”, o que causa dores musculares, vindo a artesão a fazer usos de medicações.

Por fim, na perspectiva de um outro artesão, surge o tema “somente se faz limpeza nos finais de semana”, para os quais os riscos da presença dos resíduos existem e são ainda mais preocupantes porque a limpeza do ambiente de trabalho somente ocorre nos finais de semana, agravando problemas de saúde anteriores. É dito:

[...] *aí* tem que sempre, o ambiente tá sempre limpo, porque tem muitas pessoas que não [...] deixam pra limpar só no final de semana, trabalharam a semana inteira, *aí* acumula resíduos, se você tiver problemas respiratórios, *aí* acaba de agravando (Eleonora).

Em se tratando do discurso sobre não existir impacto ambiental na saúde, destaca-se inicialmente o tema “é higiênico porque não se trabalha com comida”. Em relação ao tema, Lindoval responde o seguinte:

A gente não trabalha com comida, é *cum* artesanato, *né?* *Aí* a gente não mexe *cum* nada de *cumer* [...]

Ou então, Leonildo:

É, pra o que *noi* trabalha, *nois* num trabalho, *num* trabalha cum comida, é peça, só barro (Leonildo).

Nesta percepção, observa-se que o conceito de higiene encontra-se restrito a higiene alimentar, não se considerando a higiene laboral e nem a higiene ambiental, como um todo.

Em seguida surgem outros temas com uma unidade de referência cada. Inicialmente “trabalhar com barro é higiênico”. Esta afirmação está presente no seguinte enunciado:

Olha [...] pra o que eu trabalho, com o barro, eu acho que é [higiênico] (Miguel).

Considerar de modo geral, esta atividade como não sendo insalubre implica uma determinada ideologia sobre o sentido de higiene o que propicia exposições dos sujeitos a determinadas atividades que não são isentas de riscos.

Nesta linha de raciocínio, surge outro tema: “a água é trocada regularmente”, conforme aponta Lindoval:

[...] porque a água a gente troca sempre, duas, três horas a gente tá trocando a água. Aí ela tá sempre limpa. Só isso, a gente só trabalha *cum* água e argila (Lindoval).

Torna-se recorrente o sentido de higiene com o sentido de limpeza, não se enfatizando que a salubridade ambiental envolve outras condições como resíduos, atividades corporais, entre outros.

Outra temática está relacionada com o seguinte sentido: “trabalha somente com tinta”, conforme discorre Berenice:

Pra mim é, que eu não mexo com a mão, porque na minha área só tinta. Quando vai mexer com a mão é em área separada. Aí não tem problema de acontecer alguma coisa (Berenice).

Na divisão do trabalho, aquelas atividades musculares mais intensas (carregar barro, moldar o barro ou queimar as peças), são distintas da atividade de Berenice que “mexe com a mão”. A artesã não considera que o manuseio da tinta através do pincel pode apresentar riscos, mesmo havendo as propriedades químicas dos corantes e que a precisão da atividade de colorir as peças igualmente não envolve um esforço de repetição.

Outro tema implica “o trabalho que ocorre em casa”, segundo Ubiracema que responde o seguinte:

É, aqui em casa mesmo, na sala (Ubiracema).

O emprego do dêitico “aqui”, como referência do espaço doméstico como sendo espaço da atividade laborativa, tenta denotar um sentido de maior familiaridade ou conforto. Entretanto, mais uma vez, não se dá conta da percepção dos riscos da presença de resíduos, que podem chegar a outras divisões da unidade doméstica.

Por fim, a minimização do impacto ambiental decorre da ausência da figura patronal conforme se observa no tema: “não há estresse porque não patrão”. Responde Berenice:

Pra mim é pra melhorar, que eu não *tou* tendo estresse com patrão, nem com ordens de outras pessoas. Eu trabalho bem dizer pra mim, não me estresso. É quase uma distração também.

A artesã ao empregar a expressão: “Eu trabalho *bem dizer* (itálico do autor) pra mim...” denota o sentido é “possível” compreender que o trabalho do artesanato é autônomo, entretanto não existe uma afirmação inquestionável porque este trabalho se encontra inserido em uma determinada cadeia de produção, distribuição e consumo do artesanato. Em outras palavras, não existe tanta autonomia.

4.6 Discurso sobre a relação entre a articulação intraprofissional e saúde.

Quadro 8 Temas sobre a relação entre a articulação intraprofissional e saúde.

TEMAS
Existe desunião entre os artesãos
Não existe vantagem de fazer parte da Associação que atende mais os interesses dos “grandes”
Existe união entre os artesãos

Três temas se destacam no discurso dos sujeitos. O que apresenta maior representatividade é “existir desunião entre os artesãos”. Posteriormente, “não existir vantagem de fazer parte da Associação dos Artesãos que atende mais aos interesses dos grandes”. Por fim, “existir união entre os artesãos”.

Em se tratando do tema "desunião entre os artesãos", Leonildo relata o seguinte:

Quem falar que é unido, tá mentindo, porque aí é, como o pessoal fala, é cobra engolindo cobra. Se puder passar a rasteira... Porque nenhum quer ver o bem do outro. Primeiro, qualquer um, artesão, pra ele alugar uma loja ali na frente, eles não deixam. *Nois* já *tentemo* alugar, uma loja, eles dificultam. *Tá* entendendo? (Leonildo)

No discurso, é enfatizado ser falso haver união entre os artesãos. Afirmação esta que poderia ser elaborada ao se defender a Associação de Artesãos do Alto Moura. Reforçando este argumento, Leonildo utiliza-se da expressão idiomática "é cobra engolindo cobra" para retratar metaforicamente a qualidade da relação. Segundo Nascentes (1986), as expressões idiomáticas são conjuntos ou mais palavras pelas quais é possível identificar o sentido literal da expressão, sendo elaboradas através de processos históricos de construção da imagem social.

Dessa forma, o "pessoal fala", ou seja, Leonildo utiliza a imagem dos grupos sociais sobre a "cobra", denominação genérica do ofídio serpente, representante da astúcia, da maldade, da calúnia e propiciador do pecado original, segundo o texto bíblico.

Outra imagem representa o boicote comercial de impedir que este artesão alugue uma loja para que os seus produtos sejam vendidos com preços de mercado e não com preços menores empregados para os atravessadores. Para isso é empregada outra expressão idiomática: "passar uma rasteira", golpe do jogo de capoeira, no qual um adversário faz um movimento circular com uma das suas pernas, arrastando o respectivo pé ao chão e cuja própria perna, esbarrando nas pernas do adversário, vem a derrubá-lo ao chão. O sentido literal é "derrubar" um projeto comercial de um artesão que almeja vender os seus produtos a um público consumidor por preços maiores e não a atravessadores por preços bem menores, não podendo aumentar a sua renda.

Em outro enunciado, Berenice corrobora o enunciado anterior respondendo o seguinte:

Muito desunido. Se um fizer uma coisa, os outros tudinho querem copiar. Não tem a preocupação de criar. Se eu criar uma tinta nova, cor nova todo, mundo vai, invés de procurar fazer sua própria cor. Vai procurar descobrir como foi feito, como foi que eu fiz. Eles tiram foto, grava, rouba peças das lojas (Berenice).

Existe no discurso uma elipse de "todos os artesãos são" muito desunidos. A ilustração do processo, que parece um estado de desunião, está presente na prática da cópia. Trata-se de uma palavra de origem latina e que significa reprodução ou transcrição (HOUAISS; VILLAR, 2009) e que no caso aludido está relacionado a um processo de plágio, referenciado pela falta de criatividade do grupo na produção artesanal e na utilização de atos de pirataria envolvendo fotografar, roubar novas peças entre outras.

Em se tratando da expressão, “os outros tudinho querem copiar”, observa-se o emprego do pronome masculino plural “outros” referindo-se a “eles”, diferentes de “nós” – ou seja, aqueles que “querem copiar” -, e para isso o sentido é enfatizado empregando-se uma forma diminutiva do pronome indefinido “tudo”, ou seja, “tudinho”. Ainda segundo Houaiss e Villar (2009), o sufixo “inho” possui um valor mais afetivo que dimensional, funcionando como um intensificador em advérbios e adjetivos, como “agorinha”, “cedinho”, “pertinho”, “bonitinho”, “feinho”, “cheirosinho”, e também, no discurso, de pronomes indefinidos, “tudinho”.

Por fim, em se tratando do tema "desunião" Eleonora responde o seguinte:

É desunido. É, nós temos lá uma Associação dos *artesões*, que acho que serviria na realidade para unir esses artesãos, mas, não. Tem uma competitividade muito grande entre os artesãos. Um acaba desvalorizando o trabalho do outro. (Eleonora)

Inicialmente, Eleonora afirma o seguinte: “nós temos lá uma Associação dos *artesões*”. No discurso existem dois dêiticos importantes: o primeiro é de pessoa: “nós” e se refere ao grupo de artesãos que parece estar prejudicado pelo sistema de produção e comercialização do artesanato; e o segundo é “lá” e parece se referir a um espaço distante do “aqui”, onde o artesanato é produzido. A referência a este advérbio de lugar, “lá”, implica um espaço distinto e que se encontra vinculado a Associação dos Artesãos.

Continuando o enunciado, é dito o seguinte sobre a Associação: “serviria na realidade para unir esses artesãos, mas não, tem uma competitividade muito grande entre os artesãos”. Novamente se referenciando à Associação dos Artesãos, o emprego do futuro do pretérito do indicativo “serviria” é usado em dois sentidos possíveis. O primeiro como uma sugestão dada de forma polida de que esta Associação modifique o seu “modus operandi”. Em segundo, havendo esta transformação poderia se pressupor que o comportamento dos artesãos se tornasse mais unido e menos competitivo.

O sentido de competitividade não é apenas econômico, como se preconiza na cultura de uma economia de mercado, mas parece atingir um aspecto moral, ou seja, naquele sentido derivado do latim “mores” e sendo relativo ao que se chama

costumes. Ainda de acordo com Eleonora: “Um acaba desvalorizando o trabalho do outro”.

No enunciado acima, é importante citar Spinelli (2009) quando indica que este sentido da palavra moral apresenta duas interpretações complementares da sua fonte original “*êthica*”, que é grega. Em um primeiro sentido, deriva de “*deêthos*” e se relaciona com o sujeito moral, ou seja, a essência do agir humano. Em segundo sentido, está relacionado com “*éthos*” e estão representadas pelo conjunto dos hábitos, costumes, usos e regras.

Portanto, a prática da “desvalorização” do produto alheio implica não apenas uma depreciação do valor do outro para aumentar o valor do produto feito pelo sujeito depreciador, mas que este sujeito depreciador se constitui em um sujeito “moralmente” individualista e ilusoriamente desconectado do corpo social, mais amplo e menos ainda do corpo ecossistêmico.

Em um segundo grupo temático, não existe vantagem de fazer parte da Associação que atende mais os interesses dos “grandes”.

Lindoal faz menção, em seu discurso, da Associação de artesãos existentes no bairro do Alto do Moura, sendo enfático: “*essa reunião não ajuda a ninguém aqui, pra mim não tem nenhuma vantagem de fazer parte da associação do Alto do Moura*”, a palavra “vantagem” significa obter utilidade, proveito, lucro, fazendo a ligação do associado conseguir “vantagens” ao ser membro da associação.

Eu *mermo* já vai fazer o que? Com oito anos, oito e meio mais ou menos. Eu já trabalhava com artesanato, mas aqui se eu tiver a carteirinha da Associação, eu só vou pagar. Eu não tenho tempo de ir para a reunião, que essa reunião não ajuda a ninguém aqui. Pra mim não tem nenhuma vantagem de fazer parte da associação do Alto do Moura. Aqui só tem gente que *num* é daqui e tem a carteirinha. Aí pra poder o posto fiscal e aí liberar quem tem a carteirinha... Mas a gente não transporta, *num* viaja, aí não adianta de nada fazer parte da associação.

O discurso de Lindoal pode ser analisado em três tópicos principais. No primeiro é dito o seguinte: “Eu *mermo* já vai fazer o que?, com oito anos, oito e meio mais ou menos. Eu já trabalhava com artesanato, mas aqui se eu tiver a carteirinha da Associação, eu só vou pagar.” Inicialmente, ele desenvolve um intradiscurso, perguntando a si mesmo há quantos anos faz parte da Associação dos Artesãos, encontrando como resposta em torno de oito anos. Entretanto, indica que já

trabalhava como artesão, vindo a indicar o núcleo essencial de sentido: “mas aqui se eu tiver a carteirinha da Associação, eu só vou pagar”.

No último enunciado do parágrafo anterior, Lindoval ao empregar a conjunção adversativa “mas” e o advérbio de lugar “aqui”, igualmente em sentido de dêitico de espaço, novamente indicando Alto do Moura e sua Associação de Artesãos, implicando um sentido de que existe um contraste entre esta Associação em seu objetivo ideal e o seu objetivo real, ou seja, ter a “carteirinha”, emblema que representa pertencimento ao grupo representa que o sujeito “só vai pagar”, ou seja, emprega o adjetivo “só” no sentido do advérbio “somente” indicando de modo irônico que aquela “carteirinha” apenas tem utilidade para se pagar as anuidades da Associação dos Artesãos.

Continuando Lindoval afirma: “Eu não tenho tempo de ir para a reunião, que essa reunião não ajuda a ninguém aqui. Pra mim não tem nenhuma vantagem de fazer parte da associação do Alto do Moura”. Afirmar que “não tenho tempo de ir para a reunião”, caracteriza-se um dos sentidos dados por Houaiss e Villar (2001) para desculpa, ou seja, não o pedido de perdão, nem a justificativa para desculpar-se a si e aos outros, nem ainda a expressão de arrependimento, porém o motivo invocado como subterfúgio, entendido como pretexto. Este pretexto, em um sentido popular, ainda de acordo com os autores chama-se de “desculpa esfarrapada” entendida como uma desculpa improvável.

A improbabilidade da desculpa abordada anteriormente parte da afirmação posterior de que esta reunião da Associação “não ajuda ninguém aqui” e que o artesão não avalia nenhuma “vantagem” de fazer parte da Associação de Artesãos. Mais uma vez, emprega-se o dêitico de lugar, “aqui” como sendo referência ao espaço dos artesãos e que esta participação na Associação não propicia nenhuma “vantagem”, ou seja, ainda Houaiss e Villar (2001) trata-se de um substantivo feminino, cuja etimologia francesa “*avantage*” indica o que avança, produz proveito e lucro, podendo ser entendido como superioridade, privilégio, lucro, êxito, sendo entendido no enunciado de Lindoval como nenhum “benefício”.

De qual “benefício” está sendo abordado. A resposta se encontra presente no próximo enunciado: “Aqui só tem gente que *num* é daqui e tem a carteirinha. Aí pra poder o posto fiscal e aí liberar quem tem a carteirinha... Mas a gente não transporta, *num* viaja, aí não adianta de nada fazer parte da associação”. Mais uma vez o emprego do dêitico de lugar: “gente que não é daqui”. Isso parece denotar o

sentido de sujeitos que moram em outras comunidades e compram as peças artesanais a preços mais baixo do que os do mercado e graças ao porte da “carteirinha” tem acesso facilitado no Posto Fiscal, como a isenção de impostos sob esses produtos artesanais. De acordo com o Art. 1º do Decreto nº 14.876, de 12 de março de 1991, são isentas do imposto: “XXX [...] as saídas de produto típico de artesanato regional, quando confeccionado na residência do artesão, sem utilização de trabalho assalariado (Convênios ICM 32/75 e ICMS 40/90, 103/90, 80/91 e 151/94)”. (Consolidação da Legislação Tributária do Estado de Pernambuco, Decreto Nº 18.326, de 27 de janeiro de 1995, 1995).

Concluindo, como os artesãos “não viajam”, ou seja, o trabalho encontra-se localizado nas oficinas, portar a “carteirinha” não representa nenhuma vantagem.

Ainda sobre este tema, Ubiracema discorre o seguinte:

A Associação daqui é mais pra os *artesão* lá de cima. É coisa mais pra quem é envolvido lá de dentro, sabe? Tem o cabeça lá dentro, mas dos grandes. Os pequenos *fica* de fora.

Inicialmente, Ubiracema relata: “A Associação daqui é mais para os *artesão* lá de cima”. Neste trecho de enunciado, destacam-se alguns dêiticos de lugar: a Associação “daqui”, que indica, duplamente, o espaço da comunidade e também o espaço de “baixo”, o que pode indicar tanto um posição geográfica como uma indicação de estratificação social entre os próprios artesãos entre si, os atravessadores, os líderes da Associação e os donos de lojas. Isso pode se expressar em outro dêitico, indicando que esta Associação se encontra direcionada mais para os artesãos “lá de cima”, ou seja, fora e acima do lugar onde os artesãos vivem e trabalham.

Continuando, é dito o seguinte por Ubiracema: “É coisa mais pra quem é envolvido lá de dentro, sabe?” Este processo é definido de modo vago como uma “coisa” e que está direcionada “mais” para os sujeitos relacionados com o verbo pronominal “envolver-se” em um sentido pretérito perfeito composto indicando um movimento de fazer parte do grupo daqueles representados por outro dêitico: “lá de dentro”. Mais uma vez, se destacam duas dicotomias: “aqui” (oficina de artesanato) / “lá” (associação de artesanato) e “de dentro” (sujeitos beneficiados) / “de fora” (sujeitos que não são beneficiados).

Finalizando, Ubiracema conclui abordando a dinâmica da Associação: “Tem o cabeça lá dentro, mas dos grandes. Os pequenos *fica* de fora”. Aborda-se uma metáfora: “ter o cabeça”, imagem do corpo humano cuja simbologia metafórica extrapola o sentido anatômico da parte mais elevada do corpo humano, associado com a racionalidade, sabedoria e liderança. Mais uma vez este sentido de liderança encontra-se relacionado com o adjetivo dos “grandes”, intensificando o sentido do poder dessa liderança. Por sua vez, os “pequenos”, ou seja, aqueles compreendidos como liderados, “desempoderados”, a força de trabalho, não participam desse processo de poder político e econômico, sendo este poder relacionado aos artesãos mais reconhecidos através de seus trabalhos e com artesãos que tem relações políticas na região.

Por fim, encontra-se o único grupo temático que enfatiza “existir união entre os artesãos” e este tema é discordante dos outros enunciados, conforme discorre Miguel:

É unido. Faço parte da Associação. Tenho a carteirinha.

Três subtemas estão correlacionados: perceber a união do grupo, fazer parte da Associação e ter a carteirinha, o respectivo aludido. Esta discordância em relação ao discurso majoritário do grupo de sujeitos-artesão “daqui” e “de baixo” implica concordância com o discurso dos sujeitos (artesãos grandes, atravessadores, comerciantes e lideranças) “de lá” e “de cima”.

Em síntese, os três subtemas presentes estão bem articulados no discurso de Miguel: haver união, fazer parte da Associação e seu emblema, ter a “carteirinha”. Fica implícito em um sentido inverso, e contrário ao sentido do que foi dito pela maioria, que ser portador da “carteirinha” dá o direito legal de ser membro da Associação e esta instituição contribui para a união do grupo. Considerando o discurso majoritário dos sujeitos entrevistados pode ser pensando que Miguel apresenta um discurso com perspectivas ideológicas de dissimulação, voluntária ou não, conforme conceitua Thompson (1995, p.83), a saber:

Um segundo *modus operandi* da ideologia é a dissimulação. Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes.

Após a visão sobre a articulação intraprofissional e saúde dos artesãos do barro do Alto do Moura, no próximo item será discutido o trabalho, a política municipal e a relação com a saúde.

4.7 Discurso sobre a relação experiência de trabalho, política municipal e saúde.

Quadro 9 Temas sobre a relação experiência de trabalho, política municipal e saúde.

TEMAS
Vereadores
Conhece apenas um vereador que é "gente boa" e ajuda o povo do Alto do Moura.
Não ter nenhuma relação com vereadores.
Existem dois vereadores. Um quase ausente e outro assistencialista.
Inexistem projetos políticos para os artesãos do Alto do Moura.
Prefeito
Nunca se viu.
Tem promessas de campanha não cumpridas.
Não valoriza política cultural, porque não dá lucro.
Faz, mas a comunidade desfaz.

Os temas dos artesãos sobre a relação de trabalho, política municipal e saúde encontram-se relacionadas com vereadores e o prefeito de Caruaru. Lindoval relata o seguinte em termos dos vereadores:

Minha relação com os vereadores, não é nenhuma. Eu só conheço um vereador, e mesmo assim na comunidade, ele é gente boa, participa um pouco da saúde do pessoal do Alto do Moura (Lindoval).

O artesão afirma não ter nenhuma relação com os vereadores, conhecendo apenas um que ele classifica como "gente boa". Leonildo corrobora o discurso de Lindoval, reafirmando o seguinte:

Com vereador é bem. Falo com ele converso, só falo com um vereador, um só, só com o vereador daqui (Leonildo).

Apesar de Ubiracema confessar a sua falta de conhecimento de política, através da na expressão “não sei”, reitera que este vereador participa positivamente da relação com o Alto do Moura. Ela responde:

Não sei. Não vou explicar porque não sei. Sabe ele é uma pessoa que ajuda bem o povo do Alto do Moura. É muito bom ele (Ubiracema).

Berenice nega qualquer relação.

Eu não tenho relação nenhuma com vereador não. Nenhuma mesmo (Berenice).

Eleonora responde o seguinte:

Na nossa comunidade temos dois vereadores. Aí um dos vereadores, ele tem até um contato melhor com a gente porque ele trabalha muito na área da saúde. Então, quando assim precisando, ele ainda nós ajuda. O outro é quase contato nenhum (Eleonora).

Existem contatos com dois vereadores. Entretanto, na prática, apenas um contato porque um deles é "quase contato nenhum". O advérbio "quase" indica que o contato deste vereador encontra-se muito próximo do nada, enquanto o outro vereador trabalha "muito" na área da saúde, haja vista contatos que ajudam no fornecimento de medicamentos, marcação de consultas, em postura mais assistencialista do que de mudanças na infraestrutura.

De modo mais específico, relata Miguel:

Minha relação é quase nenhuma. Até hoje nunca ouvi falar de um projeto para artesanato. Se tiver eu não tô sabendo (Miguel).

No discurso do artesanato, não existe nenhum projeto político dirigido para os artesãos do Alto do Moura, para não ser julgado injusto diz que se houver ele não está sabendo.

Nesse sentido, o jornal Diário de Pernambuco, na edição de 18/12/2013 noticia que dez vereadores da Câmara Municipal de Caruaru foram presos em operação de combate à corrupção. Outros estão sendo ouvidos por conta de pagamentos de propinas para aprovação de projetos no legislativo municipal em função de uma obra de mobilidade urbana (BARROS, 2013).

Em se tratando do prefeito, muitas respostas utilizam a expressão "nunca se viu". Lindoval responde:

Com o prefeito, eu nunca nem vi, só na televisão (Lindoval).

Leonildo mostra-se irônico:

O prefeito ninguém nunca vê ele. Oxe, é *mermo* que não ter. Ele acaba com o que tem no Alto do Moura (Leonildo).

Outra crítica fundamenta-se na falta de transparência da gestão:

O prefeito piorou. O prefeito engoliu a verba todinha que veio pra cá. era pra fazer projetos que ele divulgou na última campanha política, ninguém viu nada (Berenice).

A relação entre promessa de campanha e relação com ações está presente em outro discurso.

Na realidade o contato, de nós artesãos com prefeito e vereadores é muito pouco. É mais no tempo de eleição. Nós sabemos que tem um prefeito querendo nos representar e vereadores fazendo suas promessas, mas depois que passa é... Quase não os vemos mais (Eleonora).

Outra crítica surge de Eleonora, considerando que a prioridade é o São João que ocorre apenas em um mês, enquanto o artesanato do Alto do Moura é o ano todo.

E o prefeito na realidade, falando do Alto do Moura e dos artesãos, nada é feito. Sendo o Alto do Moura um Centro de Artes Figurativas, sabemos que deveria fazer um melhor valor cultural para o bairro e chamasse o turista para conhecer, pra conhecer o artesanato em si. Mostrar o artesanato, mas não, quando prefeito coloca atrações é mais no mês do São João, sendo que Caruaru é representado pelo São João só no mês de junho e o Alto do Moura representa o ano inteiro. São anos e anos e anos, representando Caruaru e não vemos uma valorização diretamente ligada ao artesão do Alto do Moura (Eleonora).

Existe um déficit em ações direcionadas ao Alto do Moura, não elevando o valor cultural existente nesta localidade, expressa através da não valorização direta ligada ao artesão do Alto do Moura.

Aqui geralmente *pros* artesão não. Pros artesãos, os mandatos que ele *tudinho*, nunca teve um favorecimento dele pra gente de jeito nenhum. É o quarto mandato do prefeito. Pelo menos pra mim, não tem benfeitorias. Eu tenho pouco conhecimento, *mas porque* tudo que eles consideram como do Mestre Vitalino, ele tem. Mas como a gente não tem o nome, aí também não tem lucro, nem tem nada, nem projeto, ele vem trazer pra *nois* (Miguel).

Miguel desabafa relatando que apenas o "nome" do Mestre Vitalino, famoso na sua história pode significar "lucro", quando se trata de investimentos "públicos" e que eles, os atuais artesãos, não sendo famosos, isso implica um julgamento de não serem capazes de gerar lucro e, portanto não haver investimento "público". De acordo com Thompson (1995) trata-se de um processo ideológico de dissimulação, quando se desvia o olhar em torno de um processo social para aspectos que são diferentes do original. Em outras palavras, política pública não visa ao lucro, mas ao bem estar público, o que implica, inclusive, cultura e educação.

Ubiracema, a única voz discordante, defende o prefeito:

Não tem nada contra. Porque a prefeitura quando vem, ele faz alguma coisa no Alto do Moura. Ele faz hoje, quando amanhã a comunidade destrói. Então o prefeito não é culpado de nada, né? Porque ele faz *as coisa*, às vezes faz a praça, arruma, quando é com quinze dias, às vezes menos de quinze dias, o próprio povo do Alto do Moura destrói. Muitas vezes me aperreio e digo: "Aqui merecia uma bomba!" É, que a realidade a gente tem que dizer, eu mesmo não tenho nada contra o prefeito não, nada (Ubiracema).

A artesã culpabiliza a população pelos problemas da comunidade e elabora uma imagem agressiva: a comunidade merecia ser destruída através de uma explosão. Curiosamente, ela é ao mesmo tempo produtora e vendedora dos seus produtos, caracterizando-se como um tipo de pequena "lojista", ou seja, beneficia-se com os lucros. Ainda acompanhando o pensamento de Thompson (1995), trata-se de um processo ideológico de unificação através do qual, relações de dominação são estabelecidas ao nível da construção de uma unidade simbólica que interliga os indivíduos em torno de uma identidade coletiva, apesar das divisões internas. No caso Ubiracema denomina esta unificação como "comunidade" que destrói e que merece ser destruída. O que não é dito é que Ubiracema também faz parte dessa comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, foi elaborada uma análise crítica do discurso sobre a relação trabalho e processo saúde-doença entre os artesãos do barro no Alto do Moura, em Caruaru, Pernambuco.

Segue no andamento desta conclusão, as respostas referente as problematizações expressas na introdução. Através do discurso desses artesãos é possível construir uma representação da respectiva realidade sócio-sanitária? A produção desse discurso, com seus temas específicos, permite compreender o processo de aprendizado da prática desses artesãos? Existe ou não existe um processo de divisão interna do trabalho e este pode ser analisado através do discurso dos artesãos? Uma análise do discurso permitirá conhecer o conceito de saúde e de doença desses artesãos? A percepção desses artesãos, construída através do respectivo discurso e analisada através de uma Análise Crítica do Discurso, possibilitará um entendimento da relação entre trabalho, ambiente, política municipal e processo saúde-doença?

Em se tratando dos temas sobre o aprendizado do artesanato foi encontrada relevante herança familiar, sendo esta atividade laborativa advinda, principalmente, do aprendizado de pai para filho, entre irmãos, com madrinha e em menor número, do ex-patrão ou dos outros. Esta prática profissional apresenta-se rudimentar, com as características descritas como propícias para a “doença dos oleiros”, segundo Bernardino Ramazzini, no século XVII.

No caso da cadeia produtiva do artesanato do barro, trata-se de uma prática de trabalho segmentada, apresentando-se de modo semelhante ao método *taylorista-fordista*, onde se preconiza a divisão de tarefas. Cada artesão é responsável por uma parte do processo produtivo, como o preparo do barro, a modelagem, a queima, a pintura, até a venda das peças.

Enfocando-se os principais temas enunciados em cada etapa da cadeia produtiva, pode ser discutido o seguinte quadro:

Quadro 10 – Temas referentes ao discurso dos artesãos do barro sobre a cadeia produtiva do artesanato.

Etapas	Temas
1) Preparo do barro	- Compra do barro bruto para ser processado. - Excesso de carga de trabalho.
2) A modelagem	- Intertextualidade com temas da cultura midiática. - Divisão de tarefas no trabalho. - Excesso de carga de trabalho.
3) A queima	- Prejuízos para a saúde com a queima do barro. - Excesso de carga de trabalho.
4) A pintura	- Divisão de trabalho na pintura das peças. - Excesso de carga de trabalho.
5) A venda	- No atacado para o atravessador ou para as lojas do Alto do Moura a diferentes margens de preço. - Quem lucra mais são os donos das lojas. - Justificativa para o valor do custo agregado a mercadoria. - Uma minoria produz e vende a varejo.

Entre os temas relacionados com o preparo do barro, a modelagem, queima e a pintura, o enunciado mais recorrente é o excesso de trabalho, fazendo com que o dia de domingo seja representado através da metáfora “dia livre”.

Nesses discursos destacam-se dois recursos ideológicos. O primeiro, o da legitimação, através do qual as condições de trabalho e de vida são consideradas resultados da “vontade de Deus”. O segundo, o da reificação, vindo as coisas compreendidas como “sendo o que são”, ou seja, as essências naturais encontra-se no lugar dos processos históricos e sociais. Por fim, o da legitimação, no qual é elaborada toda uma justificativa com minúcias para o valor agregado no preço da mercadoria.

Abordando de modo mais específico a relação entre trabalho e o processo saúde doença, são observados outros temas. Saúde como sensação de bem estar, boa qualidade de vida, atitude de prevenção e o que é mais importante na vida. Por sua vez, no caso de doença: problema ambiental, uma coisa ruim, sensação de mal estar, problemas no organismo e contaminar-se.

Portanto, os sujeitos ao abordarem conceitos abstratos como saúde ou mesmo doença, apresentam jargões que circulam no cotidiano e em vários trechos dos discursos, apontam para os problemas específicos para a saúde causados pelo trabalho no artesanato do barro, a saber: dor na coluna, resfriado, alergia, contaminação, entre outros.

Ainda de modo mais específico, ao ser estudado as relações entre experiência de trabalho e saúde são mais recorrentes temas sobre “não prejudica”: não há prejuízo para a saúde porque não pega peso, não há interferência em nada, não prejudica porque é um trabalho isolado, nunca se pegou uma doença do barro. Isto permite perguntar se não se trata de um mecanismo de negação visando o sujeito “imunizar-se” simbolicamente contra os riscos presentes nas suas atividades laborativas.

Na perspectiva dos modos operantes da ideologia, ainda segundo Thompson (1995), mais uma vez existe um processo de racionalização baseado no senso comum, posto que se compreende que esta atividade profissional propicia adoecimento haja vista “não se pegar peso” ou “nunca se sentir nada”, o que está vinculado com uma idéia de que na ausência de sintomas não existe doença.

Em se tratando da relação entre ambiente de trabalho e saúde, ocorre um maior número de temas sobre não existir impactos ambientais na saúde: é higiênico porque não se trabalha com comida, trabalhar com barro é higiênico, a água é trocada regularmente, trabalha somente com tinta, o trabalho ocorre em casa, não há estresse porque não há patrão. Por sua vez, entre os temas minoritários surgem aqueles que se mostram mais críticos: existem impactos ambientais na saúde por conta de poeira que dá alergia e virose, interfere na coluna e somente se faz limpeza nos finais de semana. Mais uma vez são observadas construções simbólicas fundamentadas no senso comum.

No caso dos temas sobre a relação entre articulação intraprofissional e saúde, não há uma percepção de ligação de sentido, porém a existência de três temas antagônicos: existe desunião entre os artesãos, existe união entre os artesãos e não existe vantagem de fazer parte da Associação dos Artesãos do Barro do Alto do Moura que atende mais aos interesses dos “grandes”.

Considerando que o adjetivo plural “grandes” significa aqueles que apresentam maior status social político e econômico, a maior parte dos artesãos é composta pelos “pequenos” e para estes fazer parte da Associação não traz benefício, nem lucro, nem proveito e nem utilidade, porque mesmo se pagando uma taxa mensal irrisória, não se tem voz e nem vez.

Finalizando, os temas sobre a relação entre experiência de trabalho, política municipal e saúde são destacados os seguintes atores sociais: vereadores e prefeito. Em se tratando dos vereadores surgem os seguintes temas: conhece

apenas um vereador que é "gente boa" e ajuda o povo do Alto do Moura; não ter nenhuma relação com vereadores; existem dois vereadores, um quase ausente e o outro assistencialista e inexistem projetos políticos para os artesãos do Alto do Moura. No caso do Prefeito, surgem os seguintes temas: criticado porque nunca se viu, tem promessas de campanha não cumpridas e não valoriza política cultural, porque não dá lucro. Ou então, defendido porque faz, mas a comunidade desfaz.

O estudo realizado tem como eixo central o texto, a prática social e a prática discursiva, observado no objetivo desta dissertação, em relação à ideologia e realidade social. Através da percepção dos artesãos na relação com a saúde, é percebida uma dificuldade em relacionar o adoecimento com o trabalho.

Torna-se importante mencionar a necessidade de um trabalho com perfil pedagógico e político, utilizando o discurso como instrumento, para propiciar o empoderamento destes artesãos e a respectiva melhoria das condições de trabalho e de vida. Diante da relevância da temática sobre o discurso dos artesãos e a relação trabalho, saúde e doença, e escassa literatura sobre o tema, torna-se relevante à realização de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- AGENCIA PERNAMBUCANA DE ÁGUAS E CLIMA. **Bacias Hidrográficas: Rio Ipojuca**. Governo do Estado de Pernambuco, 2013. Disponível em: <http://www.apac.pe.gov.br/pagina.php?page_id=5&subpage_id=17> Acesso em: 28 de maio de 2013.
- AGUIAR, Zenaide Neto. Transformações no processo e organização do trabalho e algumas implicações para a saúde do trabalhador. In: RIBEIRO, Maria Celeste Soares. **Enfermagem e trabalho: fundamentos para a atenção à saúde dos trabalhadores**. 2ª ed. São Paulo: Martinari, 2012.
- ALMEIDA FILHO, Naomar. ROUQUAROL, Maria Zélia. **Introdução à Epidemiologia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- AMORIM, Petrúcio. **Deus do Barro**. [S.l.], 2004. 6º CD.
- ANTÃO, Andréa Martins. TAVARES, Janine Magaly Arruda. Riscos Respiratórios – Um Estudo de Caso em uma Comunidade do Agreste Pernambucano. **Revista ABHO de Higiene Ocupacional**, São Paulo, ano 12, n. 32, p. 15, 2013.
- AUGUSTO, Lia Giraldo (Org.). **Saúde do trabalhador e sustentabilidade do desenvolvimento humano local: ensaios em Pernambuco**. Recife: Universitária UFPE. 2009.
- AZEVEDO, Priscila Piquera; FERNANDES, Luiz Carlos. A dupla função do provérbio: reiteração do mesmo e a imposição da subjetividade em gêneros discursivos do cotidiano. In: CELLI – **Colóquio de estudos linguísticos e literários**. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1965-1973. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/pfd_linguisticos/086.pdf> Acesso em: 06 jan. 2014.
- BAGNO, MARCOS (Org.). **Linguística da norma**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARROS, Felipe. Vereadores de Caruaru já estão sendo ouvidos e encaminhados para penitenciária. **Diário de Pernambuco**, Recife, 18 dez. 2013. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2013/12/18/interna_politica,480281/vereadores-de-caruaru-ja-estao-sendo-ouvidos-e-encaminhados-para-penitenciaria.shtml>. Acesso em: 20 dez. 2013.
- BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho**. Decreto-Lei Nº 5.452, de 1º de Maio de 1943. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm>. Acesso em: 10 dez. 2013.

BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102408>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

BRASIL. **Lei nº 8.080 de 19 de setembro de 1990**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm>. Acesso em: 10 dez. 2013.

BRAIT, B. SOUZA-E-SILVA, M. C. (Org.) **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

CARMO, Paulo Sérgio do. **A ideologia do trabalho**. 8. Ed. São Paulo: Moderna, 1997.

CASTELLANOS, Pedro Luis. Sobre el concepto de Salud/Enfermedad. **Boletim Epidemiológico**, v. 10, n. 4, 1990.

CEREJA, William. Significação e tema In.: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. ALMEIDA FILHO, Naomar de. Conceitos de saúde em discursos contemporâneos de referência científica. **História, Ciências, Saúde**. Manginhos, Rio de Janeiro, vol. 9(2): 315-33, maio-ago. 2002.

CONSOLIDAÇÃO DA LEGISLAÇÃO TRIBUTÁRIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **Decreto Nº 18.326, de 27 de janeiro de 1995**. Disponível em: <https://www.sefaz.pe.gov.br/Legislacao/Tributaria/Documents/legislacao/Decretos/1995/Dec18326_95.htm>. Acesso em: 05 jan. 2013.

COULON, Alan. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis Vozes, 1995.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2a ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Linguagem e poder**. London: Logman, 1989.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos. RICAS, Janete. TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 24(1):17-27, jan, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRIAS JR, Carlos Alberto da Silva. **A saúde do trabalhador no Maranhão: uma visão atual e proposta de atuação.** 1999. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1999.

GASPAR, Lúcia. Alto do Moura, Caruaru, Pernambuco. **Pesquisa Escolar Online.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2011. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar../index.php?option=com_content&view=article&id=815&Itemid=1>. Acesso em: 16 de fev. de 2014.

GURGEL, Aline do Monte et al. Framework dos cenários de risco no contexto da implantação de uma refinaria de petróleo em Pernambuco. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 2027-2038, ago. 2009.

GURGEL, Aline do Monte. Medeiros, Ana Catarina Leite Vêras. **Curso de aperfeiçoamento em saúde do trabalhador: introdução a saúde do trabalhador.** Recife: Secretaria Estadual de Saúde, 2012.

HOUAISS, ANTONIO. VILLAR, MAURO DE SALLES. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** São Paulo: Objetiva, 2009.

IBGE. **Instituto de Geografia e Estatística.** Dados Caruaru. 2010. Disponível em: <www.ibge.com.br>. Acesso em: 16 jun. 2010.

IMBANA, Mônica João. **Uso da lenha como insumo energético na produção do artesanato: um estudo da percepção ambiental dos artesãos do barro da cidade de Tracunhaém/PE.** 2012. 80 f. dissertação (Mestrado em Administração e Desenvolvimento Rural – PADR) – Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Recife, 2012.

IPHAN. **Dossiê – Feira de Caruaru: inventário nacional de referencia cultural.** Ministério da Cultura, Brasília: 2006. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3221>> acesso em: 15 de fev. de 2014.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Flagrantes da construção interacional dos sentidos.** In: BRAIT, B. SOUZA-E- SILVA, M. C. (Org.) **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEITÃO, J. A; CLARA, M. M. **Tratamento das intoxicações agudas.** 3 ed. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1983.

LEVINSON, Sthephen C. **Pragmática.** São Paulo, Martins Fontes, 2007.

MAINGUENEAU, D. **Texto, gênero de discurso e aforização.** Trad. Ana Raquel Motta. In: BRAIT, B. SOUZA-E-SILVA, M. C. (Org.) **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

MARX, Karl. **O capital**. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MENDES, René. **Patologia do trabalho**. 3 ed. São Paulo: Ateneu, 2013.

MENDES, R. DIAS, E. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, 25:341-9, 1991.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Bem cultural registrado**: feira de Caruaru. Brasília, 2014. Disponível em: <
[http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/foIbemCulturalRegistradoE.jsf;jsessionId=DD7D3A7C87E65C78C90AB6E973870824?idBemCultural=z%40s1%5Bv8%3Ax3331n%5D8%3Am20752g0_%5B3y3p600001n%5D8%3Am209%2F%24zAB\)%3B0_%5Bd36_%4018c5551n%5D8%3Am208](http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/foIbemCulturalRegistradoE.jsf;jsessionId=DD7D3A7C87E65C78C90AB6E973870824?idBemCultural=z%40s1%5Bv8%3Ax3331n%5D8%3Am20752g0_%5B3y3p600001n%5D8%3Am209%2F%24zAB)%3B0_%5Bd36_%4018c5551n%5D8%3Am208)> Acesso em: 15 de fev. de 2014.

MORAES, Márcia Vilma G. **Doenças ocupacionais, agentes**: físico, químico, biológico, ergonômico. São Paulo: Érica, 2010.

MORAES NETO, Benedito Rodrigues de. **Marx, Taylor, Ford**: as forças produtivas em discussão. São Paulo: Editora brasiliense, 1989.

NASCENTES, Antenor. **Tesouro da Fraseologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini. BÓGUS, Cláudia Maria. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**. v.13, n.3, p.44-57, set-dez 2004.

NUNES, E. D. A questão da interdisciplinaridade no estudo da saúde coletiva e o papel das ciências sociais. In: CANESQUI, AM. (org.). **O dilema e desafios das ciências sociais na saúde coletiva**. Rio de Janeiro: Editora HUCITECABRASCO, 1995.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Ambientes de trabalho saudáveis**: um modelo para ação: para empregadores, trabalhadores, formuladores de política e profissionais. Tradução do Serviço Social da Indústria, Brasília: SESI/DN, 2010.

QUINTANEIRO, Tania. BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um toque de clássicos**: Marx, Durkheim, Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

RAMALHO, Viviane. RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a crítica)**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes, 2011.

RAMAZZINI, Bernardino. **As doenças dos trabalhadores**. Tradução de Raimundo Estrêla. 3. ed. São Paulo: Fundacentro, 2000 [1700].

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica e etnografia: o movimento nacional de meninos e meninas de rua, sua crise e o protagonismo juvenil**. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília. Programa de Pós graduação em Linguística, 2008.

RESENDE, Viviane de Melo. RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SAMAJA, Juan. Fundamentos epistemológicos de las ciencias de la salud. 1997. **Tese de doutoramento**, Rio de Janeiro, Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz.

SAMAJA, Juan. **A reprodução social e a saúde**: elementos teóricos e metodológicos sobre a questão das relações entre saúde e condições de vida. Salvador: Editora Casa da Qualidade, 2000.

SAMAJA, Juan. Muestra e representatividade em vigilância epidemiológica mediante sítios centinelas. **Cad Saude Publica**. 1996. 12(3): 309-319.

SAMPAIO, Juliana. BEDOR, Cheila. AUGUSTO, Lia. A vigilância em saúde do trabalhador no polo fruticultor de Pernambuco: impasses e perspectivas para a atuação do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de Petrolina. In: AUGUSTO, Lia Giraldo (Org.). **Saúde do trabalhador e sustentabilidade do desenvolvimento humano local**: ensaios em Pernambuco. Recife: Universitária UFPE. 2009. p. 121-145.

SANTOS, Francisco. CARNEIRO, Rosa. AUGUSTO, Lia. A saúde do trabalhador no Polo de Confeções. In: AUGUSTO, Lia Giraldo (Org.). **Saúde do trabalhador e sustentabilidade do desenvolvimento humano local**: ensaios em Pernambuco. Recife: Universitária UFPE. 2009. p. 195-218.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 17(1):29-41, 2007.

SILVA, Laudenor Pereira. Esgotamento das jazidas de argila no Alto do Moura – Caruaru – PE. Fim do artesanato de Vitalino? In: XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, 2010, Porto Alegre. **Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**. Porto Alegre: AGB, 2010. p. 01-11.

SPINELLI, Miguel. Sobre as diferenças entre éthos com epsilon e éthos com eta. In: **Revista Transformação**, Marília, vol.32, n. 2, 2009: p.9-44.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

THOMPSON, John B. **Os românticos**. A Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

YONUB, R. SAMAJA, Juan. **Monitoreo de ambientes de desarrollo humano**. VII congreso de la asociacion latino-americana de medicina social. Buenos Aires, março de 1997.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 223-243, 2004.

APÊNDICE A - Roteiro para Entrevista

1ª Qual o seu conceito de saúde e de doença?

2º Descreva o que você faz como trabalho durante a semana e durante o dia?

3º Vocês fazem cursos relacionados com o seu trabalho?

4º O seu trabalho como artesão do barro interfere para melhorar ou piorar a sua saúde? Pode falar mais sobre isso?

5º Esse seu lugar de trabalho é higiênico? Pode falar mais sobre isso? Isso interfere ou não interfere com a sua saúde?

6º O grupo de artesãos do barro é unido ou não é unido? Pode falar mais sobre isso? Isso interfere ou não interfere com a sua saúde?

7º Como se dá o ganho com seu trabalho? Você produz e vende diretamente, produz uma parte para o outro terminar ou produz e entrega para outro vender? Pode falar mais sobre isso? Isso interfere ou não interfere com a sua saúde?

8º Como é a sua relação com os vereadores e com a Prefeitura da sua cidade? Pode falar mais sobre isso? Isso interfere ou não interfere com a sua saúde?

ANEXO A - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Análise crítica do discurso sobre a saúde do trabalhador: perspectiva do artesão do barro do Alto do Moura, Caruaru/PE

Pesquisador: Moab Duarte Aciolli

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 11098512.5.0000.5206

Instituição Proponente: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 160.169

Data da Relatoria: 13/12/2012

Apresentação do Projeto:

O tema é relevante e o projeto está bem estruturado.

Objetivo da Pesquisa:

O estudo tem como objetivo realizar uma análise crítica do discurso em termos da percepção da reprodução social na saúde do trabalhador. Serão entrevistados artesãos do barro no Alto do Moura em Caruaru, a partir de uma lógica de amostragem por conveniência e saturação. Na análise, serão enfocados o campo lógico semântico, a interdiscursividade, as representações dos eventos e os modalizadores.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O autor do projeto explicita os riscos e benefícios para os participantes e demonstra não haver riscos que não possam ser minimizados ou mesmo suprimidos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, utilizando como instrumento a entrevista, que não apresenta maiores riscos para os participantes. O TCLE está formulado de modo adequado e contempla todos os requisitos exigidos pela Portaria 196 do CONEP.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória foram anexados ao processo.

Recomendações:

Não há recomendações a serem feitas nem pendências.

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245 - Bloco04 - 8ºAndar
Bairro: Santo Amaro CEP: 50.050-480
UF: PE Município: RECIFE
Telefone: (81)2119-4375 Fax: (81)2119-4004 E-mail: pesquisa_prec@unicap.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sou de parecer favorável pela aprovação do projeto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP acompanha o parecer do Relator e sugere seja melhor definidos procedimentos de análise considerando as especificidades de análise crítica do discurso e da análise de conteúdo.

RECIFE, 30 de Novembro de 2012

Assinador por:
EDILENE FREIRE DE QUEIROZ
(Coordenador)

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245 - BlocoG4 - 8ªAndar
Bairro: Santo Amaro CEP: 50.050-480
UF: PE Município: RECIFE
Telefone: (81)2119-4375 Fax: (81)2119-4004 E-mail: pesquisa_prec@unicap.br

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO SOBRE SAÚDE DO TRABALHADOR: PERSPECTIVA DO ARTESÃO DO BARRO, CARUARU/PE.
2. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
3. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
5. Os objetivos deste estudo é analisar o discurso dos artesãos do Barro sobre a saúde trabalhador de acordo com a teoria da Matriz de Reprodução Social, onde se procura estudar a influência dos aspectos biológicos, da consciência, da conduta, da economia, no modo de funcionamento da sociedade, do meio ambiente e da política, tanto no trabalho como na saúde do trabalhador.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a entrevista com gravador.
7. É importante lembrar que será mantido o anonimato das identidades das entrevistas dos participantes da pesquisa.
8. Nesse sentido, os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.
9. Os benefícios relacionados com a sua participação será a importância do conhecimento do discurso dos artesãos do barro em relação à saúde do trabalhador, para contribuir em ações educativas e de saúde em torno do problema.
10. Caso você não concorde com o andamento da pesquisa, você poderá interromper a entrevista.
11. Mesmo realizada a entrevista e você não participara da análise dos resultados você pode manter contato telefônico com o Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco (81-21194376) e solicitar a retirada do seu nome.
11. Você receberá uma cópia deste termo onde consta este telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR): Prof. Dr. Moab Duarte Acioli

Nome: Prof. Dr. Moab Duarte Acioli

Assinatura

Endereço completo: Rua do Principe, 526 - Boa Vista - Recife, PE - Cep: 50050-900.

Telefone: (81) 2119-4016 Ramal 4421

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81)2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: moabacioli@gmail.com

Recife, _____ de _____ de 2013.

Sujeito da pesquisa